

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO
MOVIMENTO HUMANO

MARCO AURÉLIO ROCHA DI FRANCO



**SURDOLIMPÍADAS (DEAFLYMPICS): HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DOS
ESPORTES SURDOS NO BRASIL (1993-2017)**

Porto Alegre

2019

MARCO AURÉLIO ROCHA DI FRANCO

**SURDOLIMPÍADAS (*DEAFLYMPICS*): HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DOS
ESPORTES SURDOS NO BRASIL (1993-2017)**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a aquisição do título de Doutor.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Janice Zarpellon Mazo

Tradutora-intérprete LIBRAS/Português: Denize Cohen Bochernitsan

Porto Alegre

2019

Marco Aurélio Rocha Di Franco

**SURDOLIMPÍADAS (*DEAFLYMPICS*): histórias e memórias dos
esportes surdos no Brasil (1993-2017)**

Conceito final:

Aprovado em dede.....

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Aline Miranda Strapasson – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Fabiano Bossle – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Tatiana Bolivar Lebedeff – Universidade Federal de Pelotas

Orientadora – Profa. Dra. Janice Zarpellon Mazo – Universidade Federal do
Rio Grande do Sul

CIP - Catalogação na Publicação

Di Franco, Marco Aurélio Rocha
SURDOLIMPIADAS (DEAFLYMPICS): HISTÓRIAS E MEMÓRIAS
DOS ESPORTES SURDOS NO BRASIL (1993-2017) / Marco
Aurélio Rocha Di Franco. -- 2019.
112 f.
Orientadora: Janice Zarpellon Mazo.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de
Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto
Alegre, BR-RS, 2019.

1. Esportes Surdos. 2. Surdolimpiadas
(Deaflympics). 3. Surdoatletas. 4. Memória Esportiva.
5. História do Esporte. I. Mazo, Janice Zarpellon,
orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Meu primeiro e maior agradecimento é para a minha esposa, Gisele, que me ajudou muito nesta caminhada, com carinho, paciência, incentivo, sugestões e apoio. Com ela tive muitas conquistas, passo a passo, desde a graduação até o doutorado. Sem dúvida, este trabalho só foi possível graças a sua motivação e a sua companhia, juntamente com as nossas cachorrinhas, Raika e Dama, e a nossa gatinha, Pérola. Um especial agradecimento a uma pessoinha que veio engrandecer meu mundo e que me lembrava a todo instante a importância de concluir mais essa etapa, minha filha Bianca. Uma luz a muito esperada, em minha vida. Obrigada.

À intérprete Denize, que aceitou me acompanhar nestes dois anos de muito trabalho. Passamos por muitos momentos difíceis e de dúvidas, mas sempre compartilhando conhecimentos e experiências. Meu muito obrigado.

Agradeço a minha orientadora Janice, por ter aceitado este desafio comigo. Um desafio tão original quanto o assunto da tese. Ser o primeiro surdo a ser orientado por ti, foi um orgulho. Meu muito obrigado por todas as explicações e construções feitas com muita paciência e carinho.

Agradeço também a Giandra, que em diversos momentos compartilhou e apoiou meu trabalho. Agradeço aos meus colegas das disciplinas cursadas pelo apoio e paciência para conhecer esta diferença: a surdez. Meu muito obrigado aos profissionais Doutores e Mestres que aceitaram participar da minha banca de qualificação e defesa.

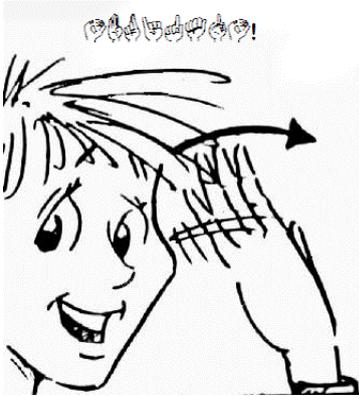
Agradeço aos meus companheiros atletas que, gentilmente, se disponibilizaram para responder a entrevista, além de oferecerem muitos materiais impressos, que foram primordiais para a confecção desta pesquisa e para que este trabalho fosse viável.

Aos meus pais, que, do Céu, podem observar minha felicidade em concluir o Doutorado e realizar este sonho de contar a história dos esportes surdos.

Também agradeço as intérpretes da UFRGS, que me acompanharam durante as aulas das disciplinas na Universidade, bem como àqueles que traduziram tanto a banca de qualificação, como a banca final.

Finalmente, meu muito obrigado à CBDS (Confederação Brasileira do desporto Surdo), pela história construída, pela contribuição valiosíssima para a minha vida, que me ajudou na construção de quem eu sou hoje, graças a minha experiência e ao meu trabalho em seu seio. Agora ofereço esta pequena retribuição com o registro de sua

história, para que fique marcada e seja conhecida e respeitada por todos os surdos.



RESUMO

Esta tese buscou responder o seguinte problema de pesquisa: como se constituiu a prática dos esportes surdos e a participação brasileira nas Surdolimpíadas no período de 1993 até 2017. Os procedimentos metodológicos adotados incluem a coleta de informações por meio do *site* eletrônico da Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS), o uso de depoimentos de integrantes das delegações brasileiras nas Surdolimpíadas, além da revisão bibliográfica sobre o assunto. O Brasil esteve presente em sete edições das Surdolimpíadas, desde o ano de 1993. Os resultados evidenciaram a luta dos surdoatletas para a viabilização de sua participação no referido evento. Identificaram-se dificuldades relativas ao escasso apoio financeiro, uma vez que não há ações governamentais de financiamento para o esporte surdo de alto rendimento no país. Os surdoatletas demonstraram satisfação e orgulho em representar o Brasil nas Surdolimpíadas, porém destacaram a falta de apoio, de divulgação e reconhecimento. Ainda hoje, tal panorama parece atravessar o esporte surdo no país, dificultando a consolidação deste fenômeno da cultura surda e a participação de surdo atletas brasileiros nas Surdolimpíadas.

Palavras-chave: Esportes Surdos. Surdolimpíadas (Deaflympics). Surdoatletas. Memória Esportiva. História do Esporte. Brasil.

ABSTRACT

This thesis sought to answer the following research problem: how to conform the deaf sports practice and the Brazilian participation in Deaflympics from 1993 to 2017. The adopted methodological procedures include the collection of information through the electronic website of the *Confederação Brasileira de Desportos de Surdos* (CBDS), the use of oral testimony of members of the Brazilian delegations in the Deaflympics, as well as the bibliographic review on the subject. Brazil has been present in seven editions of the Deaflympics since 1993. The results evidenced the struggle of the deaf-athletes to make feasible their participation in this event. Difficulties were identified regarding the lack of financial support, since there are no governmental actions of financing for the deaf high-performance sport in the country. The deaf-athletes demonstrated satisfaction and pride in representing Brazil in the Deaflympics, but highlighted that the lack of support, dissemination and recognition. Even today, this scenario seems to cross the deaf sport in the country, making it difficult to consolidate this phenomenon of deaf culture and the participation of Brazilian deaf-athletes in the Deaflympics.

Keywords: Deaf Sports. Deaflympics. Deaf-athletes. Sports Memory. History of Sport. Brazil.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Sinalização e escrita em LIBRAS.....	24
Imagem 2 – Alexandre Soares Fernandes.....	35
Imagem 3 – Alexsandro Grade na Surdolimpíada de Sofia (1993).....	35
Imagem 4 – Guilherme Maia Kabbach na Surdolimpíada de 2019.....	36
Imagem 5 – Heron Rodrigues da Silva na Surdolimpíada de 2019.....	36
Imagem 6 – Jiovana Crepo Cordeiro na Surdolimpíada de Sofia (1993).....	37
Imagem 7 – Lápide do Dr. Eugène Rubem-Alcais.....	42
Imagem 8 – Cópia do Programa Oficial da primeira Surdolimpíada.....	43
Imagem 9 – Cerimônia de abertura da Surdolimpíadas de 1931.....	44
Imagem 10 – Desfile das delegações na cerimônia de abertura da Surdolimpíada de 1931.....	44
Imagem 11 – Participantes da primeira Surdolimpíada de Inverno.....	45
Imagem 12 – Mr. Heinz Prohazka, organizador da primeira Surdolimpíada de Inverno.....	45
Imagem 13 – Cartaz de divulgação da representação brasileira na Surdolimpíada de Inverno.....	46
Imagem 14 – Cerimônia de abertura da Surdolimpíada de 1961.....	47
Imagem 15 – Logotipo da ICSB (International Committe of Sport the Deaf).....	49
Imagem 16 – Primeiro mascote das Surdolimpíadas (2005).....	50
Imagem 17 – Seleção Brasileira de Futebol de Campo, em 1986.....	55
Imagem 18 – Primeira Seleção Brasileira Feminina de Voleibol no primeiro campeonato Sul-Americano de Voleibol, em Porto Alegre, em 1987.....	56
Imagem 19 – Seleção Brasileira Masculina de Voleibol no primeiro campeonato Sul-Americano de Voleibol, em Porto Alegre, em 1987.....	56
Imagem 20 – Primeira Seleção Brasileira de Basquetebol, no I Campeonato Sul-Americano de Basquetebol, em 1987.....	57
Imagem 21 – Cartaz de divulgação dos Jogos Pan-Americanos de Surdos (2012).....	59
Imagem 22 – Cartaz de divulgação do evento Jogos Desportivos Sul-Americano de Surdos (2014).....	60
Imagem 23 – Equipe feminina de futsal.....	61
Imagem 24 – Surdoatleta Stefany Krebs.....	62
Imagem 25 – Reunião dos dirigentes da CBDS e do Ministério do Esporte.....	62

Imagem 26 – Guilherme Maia Kabbach.....	63
Imagem 27 – Guilherme mostrando uma das medalhas conquistadas ao lado do treinador Tiago Almeida.....	64
Imagem 28 – Abertura das Surdolimpiadas em Sofia (1993), na Bulgária.....	69
Imagem 29 – Cracha das surdolimpiadas.....	73
Imagem 30 – Alexandre Soares Fernandes na Surdolimpíada de 2009.....	74
Imagem 31 – Atletas participantes das Surdolimpiadas 2013.....	75
Imagem 32 – <i>Vakinha</i> para a viagem de Alexandre Soares Fernandes.....	88
Imagem 33 – Video de esclarecimento acerca das Surdolimpiadas.....	89
Imagem 34 – Vídeo “O que é a Surdolimpíada?”.....	89
Imagem 35 – Entrevista de Daniela Guidugli, surdoatleta do vôlei de praia e de quadra.....	90
Imagem 36 – Campanha para aquisição do uniforme.....	91
Imagem 37 – Uniforme dos atletas e da delegação.....	91
Imagem 38 – Eugéne Alcais e o primeiro clube de bicicleta esportiva para surdos...93	
Imagem 39 – Fotografia dos presidentes e membros da diretoria da CBDS.....	94
Imagem 40 – Discurso da primeira dama.....	95
Imagem 41 – Abertura das Surdolimpiadas brasileira.....	95
Imagem 42 – Jiovana Crespo acendendo a Pira Olímpica.....	97
Imagem 43 – Pira Olímpica.....	97
Imagem 44 – Atleta Maria Fernanda do tênis de mesa.....	98
Imagem 45 – Troféu entregue ao Campeão Olímpico Geral.....	98

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Participação do Brasil em competições esportivas sul-americanas para surdos.....	65
Quadro 2 – Participação do Brasil em competições esportivas pan-americanas para surdos.....	66
Quadro 3 – Participação do Brasil em competições esportivas mundiais de surdos....	67
Quadro 4 – Informações sobre as Surdolimpíadas, da 1 ^a à 23 ^a edição.....	76

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1 – Participantes surdoatletas nas Surdolimpíadas (1993-2017).....	75
--	----

LISTA DE SIGLAS

INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos
CBDS - Confederação Brasileira de Desportos Surdos
LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais
DA - Deficiente Auditivo
CND - Conselho Nacional de Desportos
CISS - *Comité Internacional dès Sports dès Sourds*
ICSD - *International Committee of Sports for the Deaf*
CONSUDES - *Confederation Sul americana Desportiva de Sordos*
PANAMDES - *Pan American Organization of Sports the Deaf*
CNE - Conselho Nacional de Educação
PDEL - Plano Decenal de Esporte e Lazer
FMS - Federação Mundial de Surdos
WFD - *World Federation of the Deaf*
IOC - *International Olympics Committee*
IPC - International Paralympic Committee
MOU - Memorando de entendimento
WADA - *World Anti-Doping Agency*
AVD- Associação valorizando as diferenças

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	24
3	METODOLOGIA	33
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	40
4.1	UM PANORAMA DAS SURDOLIMPÍADAS (<i>DEAFLYMPICS</i>).....	40
4.2	ESPORTES SURDOS NO BRASIL: DOS PRIMEIROS VESTÍGIOS AO TEMPO PRESENTE	53
4.3	DELEGAÇÕES BRASILEIRAS NAS SURDOLIMPÍADAS (<i>DEAFLYMPICS</i>).....	69
4.4	MEMÓRIAS SINALIZADAS DOS ESPORTES SURDOS NO BRASIL.	85
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
	REFERÊNCIAS	101
	APÊNDICE A	107
	APÊNDICE B	108

PREFÁCIO

Sou surdo desde os nove meses de vida. Cresci aprendendo a oralizar¹ através das sessões com a fonoaudióloga, ao mesmo tempo em que utilizava gestos para comunicar-me com minha família e demais pessoas. Com esta forma de comunicação, ainda na infância, tive meu primeiro contato com o esporte, jogando futebol com os amigos. Mas, o que fez a maior diferença na minha vida em meio aos desportos foi o voleibol.

Por volta dos meus 11 anos, eu vivia em Salvador (estado da Bahia) e fui convidado pelos vizinhos a jogar voleibol no pátio do conjunto habitacional Costa e Silva, onde eu residia. Inicialmente, os jogos eram apenas recreativos, mas assim surgiu a minha paixão pelo desporto. Pude experimentar a superação, descobrir minhas habilidades e tornar-me um jogador aficionado na equipe entre vizinhos. Em pouco tempo, nossa equipe, a Equipe Syrio, participou de um torneio entre conjuntos habitacionais da cidade e nós, então, utilizamos um fardamento para participar da competição. Eu não me dei conta do que esse gesto representava no ato, mas nas costas da minha camiseta não havia o meu nome, mas sim um apelido pelo qual os meus companheiros de equipe me chamavam: “Mudinho”. Sem saber o que significava, aceitei a alcunha que, anos depois, compreendi como uma declaração explícita do que os meus colegas pensavam a respeito de mim.

Os torneios aconteceram em várias edições e cada vez mais eu me tornava apaixonado pelo voleibol. Aos 13 anos de idade (ano de 1983), eu morava no Rio de Janeiro, onde minha família tomou conhecimento de uma escola específica para surdos, o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Este instituto foi a primeira escola de surdos do Brasil, fundado em meados do século XIX por um surdo francês, E. Huet, apoiado pelo Imperador Dom Pedro II e pelo Marquês de Abrantes, sendo denominado Colégio Nacional para Surdos-Mudos. Teve seu nome modificado várias vezes e, como INES, passou a ser denominado em 26 de setembro de 1957.

Nesse momento, comecei a aprender a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) de forma muito rápida e fácil para mim, totalmente diferente das sessões exaustivas com a fonoaudióloga. Nesta escola, senti-me ‘em casa’, no meio de pessoas semelhantes, compartilhando uma língua de fato, tendo a certeza de que estavam entendendo o que eu queria comunicar e, ao mesmo tempo, entendendo o que me comunicavam. Foi um encontro maravilhoso e fundamental para a minha constituição. Eu gostava muito de

estudar naquela escola e algo que me chamou muita atenção foi o voleibol. Dividia-me entre os estudos e as partidas. Minha participação nos jogos foi cada vez mais frequente. Então, convidaram-me para frequentar a Associação de Surdos Alvorada, no Rio de Janeiro, onde aconteciam treinos para participação em torneios e campeonatos de voleibol. A partir deste momento, conheci outro mundo.

Com minha aptidão para o esporte, começaram minhas viagens com o time. Íamos para diversos lugares jogando na equipe da Associação, sempre competindo com outras associações de surdos. Veio então o convite, em 1987, para integrar a Seleção Brasileira de Voleibol de Surdos, a qual faz parte da Confederação Brasileira de Desportos Surdos (CBDS). Participar da Seleção Brasileira permitiu-me conhecer e conviver com surdos brasileiros e também de outros países, como Argentina, Paraguai, Uruguai. Foram contatos fundamentais para minha constituição como ser social. Toda a comunicação que anteriormente me faltou na escola inclusiva e também na família, sobejou nesses contatos. Era uma nova família, um momento fundamental na minha vida.

Particpei da Seleção Brasileira como jogador até 1998, quando minha idade não permitia mais. Veio, então, outro convite que propiciou a minha permanência nesse mundo que tanto me fortaleceu: ser técnico da seleção feminina e masculina de voleibol da CBDS. Como técnico tive oportunidade de transmitir para novos jogadores toda a história e herança cultural dos esportes surdos. Viajamos para diversos lugares, tanto no Brasil, quanto no exterior. Participamos dos Jogos Pan-Americanos dos Surdos, em 2004, na Argentina; de duas edições de Jogos Olímpicos Mundiais de Surdos, na Austrália, em 2005, e em Taiwan, em 2009; e do Campeonato Mundial de Voleibol de Surdos, em 2007, na Argentina.

Na ocasião estava como Diretor de Voleibol da CBDS, pois não teria tempo disponível para continuar como técnico. Revendo toda minha trajetória no voleibol, juntamente com outras pessoas surdas, percebo o quanto isso foi fundamental para minha constituição como sujeito, como cidadão, consciente dos meus direitos, com informações de mundo e de sociedade que, de outra forma, não teria adquirido.

Ao decorrer desta história, comecei a definir meu futuro. Terminado o ensino médio, entrada na universidade. Agora casado e frequentando a universidade tendo contato com os surdos gaúchos, comecei aguçar meu olhar como sujeito questionador. Curioso sobre a educação dos surdos e sua constituição, comecei a procurar algumas respostas e encontrando-as juntamente com minha esposa que estudava a formação das

associações de surdos. Comecei assim também ser encantado pela pesquisa, não tanto como questionador e sim com uma forma de registro da história esportiva da comunidade e também posso dizer da minha história, porque além de ser surdo, também fui atleta, treinador e delegado da equipe de voleibol surda. Então aproveitei para entrar no mestrado e averiguar se o esporte surdo aqui no Brasil também foi um aspecto antropológico que deu significado e estímulo para a comunidade se formar. Comprovada essa questão, passei para uma ambição maior: a história das surdolimpíadas (Deaflympics) no Brasil, que na realidade um trabalho inédito.

Então, minha mente de pesquisador estava com muitas questões e foi assim que me inseri no doutorado da universidade Federal do Rio Grande do sul, na linha de pesquisa Representações Sociais do movimento humano, com a orientadora Professora Doutora Janice Zarpellon Mazo.

Somos um povo cultural que precisa registrar a sua história a fim de que a cultura se perpetue, permaneça, seja transmitida. Portanto, essa pesquisa almejou fazer um registro histórico dos esportes surdos no nosso país, apresentando aspectos marcantes para a sua consolidação, como hoje temos. Para isso, desafio-me a articular as relações sociais dos surdos a sua participação nos esportes, conferindo a esses momentos uma significativa contribuição para que eles possam situar-se, estruturar-se e adaptar-se em um mundo do qual não faziam parte, até então: o mundo dos ouvintes.

Ser aceito em um grupo do qual não se faz parte é uma tarefa assustadora e, muitas vezes, frustrante. Essa e muitas outras dificuldades são vencidas pelas pessoas com deficiência em geral e, também, pelos surdos, pelos pobres, por pessoas que insistem em praticar algum esporte mesmo sem materiais, que jogam futebol com bola de meia, que correm de pés descalços, que improvisam quadras, raquetes e cestas. Afinal, o esporte é, mesmo sem a configuração oficial, um incentivador social, de autoestima, de fortalecimento político e de diversão.

O esporte para os surdos tem um significado social, identitário, político e econômico. Cada vez mais surgem praticantes e eventos relacionados. Atualmente, são muitas pessoas interessadas – praticantes, espectadores ou patrocinadores de atletas e/ou equipes –, possibilitando um número maior de competidores e competições para surdos.

1 INTRODUÇÃO

As Surdolimpíadas (*Deaflympics*) consistem em uma competição esportiva internacional para surdos, criada no início da década de 1920, com a denominação inicial de Jogos Internacionais Silenciosos. O Brasil teve a sua primeira participação neste evento no ano de 1993. Neste sentido, esta tese versa acerca das histórias e memórias dos esportes surdos¹ no Brasil e das delegações que participaram desta competição, representando o país em distintas edições.

A constituição das histórias acerca dos surdos é atravessada por representações que foram construídas socialmente, em especial, por indivíduos ouvintes, os quais, por muito tempo, atribuíram aos surdos a marca da “incapacidade” (SILVEIRA, 2008). Neste sentido, os surdos, ao longo de sua história, assumiram diferentes papéis identitários. Já foram vistos como resultado de pecados dos pais ou idolatrados, também foram ditos deficientes, deficientes auditivos (DA), diferentes, em consonância com as ideias e filosofias do contexto histórico, social, político e cultural.

Em uma perspectiva, surdez consiste em uma deficiência, todavia, as pessoas com perdas auditivas que participam de associações e se comunicam por meio da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), não devem ser denominadas pessoas com deficiência auditiva. Isto porque, pessoas que não ouvem se reconhecem como surdas e não como deficientes auditivas, porque já adquiriram a linguagem desde a infância na convivência com comunidades surdas, em associações e lugares de reencontros. Assim, entendem-se as diversas identidades na cultura e linguística em Língua Brasileira de Sinais. Para Bisol e Valentim (2011), de um ponto de vista orgânico, refere-se a qualquer tipo de perda auditiva em grau leve, moderado, severo ou profundo, em um ou ambos os ouvidos:

Perda de grau leve: A palavra é percebida pelo indivíduo apesar da perda de alguns fonemas.

Perda moderada: A utilização de prótese auditiva e acompanhamento fonoaudiológico são necessários para suprir dificuldades de comunicação e aprendizagem.

Perda severa ou profunda: Não há compreensão da palavra sem fazer o uso da prótese auditiva ou, em alguns casos, do implante coclear (BISOL; VALENTIM, 2011, p. 1).

¹ Optou-se por utilizar o termo esporte surdo por ser usado na comunidade e por mostrar um esporte sem necessidade de adaptação, pois foi pensado na especificidade surda/surdo.

Contudo, o surdo realizou um movimento para ter autonomia e ser reconhecido como grupo/comunidade/povo. Nesta caminhada, o esporte foi um fator decisivo para que pessoas surdas concretizassem e conquistassem seu lugar. A oportunidade de prática esportiva possibilitou diversas conquistas para os surdos, aliadas ao sentimento de cooperação e amizade. As pessoas surdas aboliram, gradualmente, a característica de grupo sujeito às conveniências ouvintistas² e assumiram o papel de grupo/sujeito de sua história.

Desde muito cedo, o grupo/sujeito construiu suas relações, visões, através de encontros esportivos, muitas destas não oficiais, com seus iguais. No esporte encontrou a possibilidade de expandir conhecimentos, lutar pelo seu lugar na sociedade e ser reconhecido como capaz. O esporte é uma ferramenta de auxílio no processo de desenvolvimento educacional, social e de saúde do ser humano.

A partir de diálogos com a Antropologia e com a Linguística, em um contexto no qual se percebe a valorização da cultura como objeto de estudo nas Ciências Humanas e Sociais, as “práticas” passam a ser consideradas relevantes e mais aceitas como motivo de investigação histórica. Assim, é observado um crescimento em pesquisas no campo da História do Esporte.

Para muitos, o esporte como conhecemos remete a uma época grega, onde os homens eram treinados para superar suas dificuldades e cultuar seu corpo. Originária do francês antigo *disport*, a palavra *sport* foi registrada pela primeira vez na Grã-Bretanha do século XV, mas é somente na transição dos séculos XVIII e XIX que ela assume o sentido atual. É nesse momento que se configura o campo esportivo conforme hoje o conhecemos (BOURDIEU, 1983).

Conforme Sebastien Darbon (2008), o esporte, concebido no sentido mais amplo da palavra, tem como ponto de partida o processo de globalização, o qual emerge do sistema esportivo na Inglaterra do século XIX e passa por um processo de difusão. No contexto de tradução cultural, segundo Hall (1997), acontecem os momentos nos quais as pessoas vivenciam e adaptam-se às diferentes culturas. O esporte, vislumbrado enquanto prática cultural, em cada país, região ou cidade, adquire diversos significados que, paulatinamente, se conectam por meio de artefatos e regras globais.

As práticas e competições esportivas proporcionam o contato entre as pessoas

² Ouvintista ou ouvintismo “é um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte” (SKLIAR, 1998, p. 15).

que se identificam, preservando assim identidades, bem como a renovação cultural entre contextos multiculturais. A organização esportiva, atualmente, é similar a forma existente em empresas, sindicatos e até mesmo na administração pública. Em muitos casos, clubes ou associações esportivas são filiados a uma federação estadual, que é submissa a uma confederação nacional, a qual, por sua vez, se reporta a uma entidade mundial.

Quando os surdos começaram a participar de competições esportivas da comunidade ouvinte, ratificou-se a capacidade igualitária entre surdos e ouvintes. As regras dos esportes são as mesmas, porém foram realizadas pequenas adaptações com respeito à arbitragem através do uso, por exemplo, de luzes e bandeiras, direcionadas ao atleta surdo. Contudo, durante anos, e ainda hoje em menor escala, os surdos eram rotulados como incapazes para a prática e participação em competições esportivas.

No cenário esportivo, aplicando os termos de Elias e Scotson (2000), os surdos eram (e ainda são em muitos casos) vistos como *outsiders*, enquanto os ouvintes representavam os estabelecidos. Importa aludir que o domínio dos ouvintes não se estabeleceu apenas no campo esportivo, mas em diferentes espaços sociais. Para os autores (2000), o empoderamento é um fator de domínio, sendo a “fofoca” apontada como estratégia usada pelos estabelecidos, a qual é assumida pelos *outsiders*. A estratégia de propagar informações sobre as incapacidades dos surdos foi adotada e aceita por longo tempo, mas isto não significa a inexistência de resistências de pessoas e grupos a tais discursos.

É provável, que a prática esportiva oportunizou a emergência de rupturas na estratégia da “fofoca”, bem como a construção de discursos de resistências dos surdos. O esporte se constituiu em um dos meios de empoderamento dos surdos. De tal modo, a ocupação do campo esportivo foi fundamental para a construção de identidades dos surdos. Conforme Bourdieu (1997, p. 46), um campo:

É um espaço social estruturado, um campo de forças- no qual há dominantes e dominados, relações constantes, permanentes, de desigualdade que se exercem no interior deste espaço - que é também um campo de lutas para transformar ou conservar este campo de forças.

Os campos sociais são atravessados por disputas sucessivas, sendo necessária a prova contínua da capacidade de superação. No campo esportivo, os

surdos, com o rótulo de incapazes, deficientes intelectuais, dentre outros, foram enfrentando lutas simbólicas e ocupando espaço em competições esportivas. Inicialmente, disputavam competições somente surdos oriundos de países europeus; depois, houve tentativas de participação dos surdos nos Jogos Olímpicos, todavia, as iniciativas não se concretizaram devido a fatores políticos, econômicos e sociais. Frente à negação do Comitê Olímpico Internacional (COI), questionaram-se os motivos da não participação dos surdos nos Jogos Paraolímpicos.

Os surdos não se consideram pessoas com deficiência, assim sendo não participam dos Jogos Paralímpicos. Apesar de a sociedade, majoritariamente, considerar que a surdez significa não ouvir e acreditar que isto é uma deficiência, o surdo considera o não ouvir como uma característica da identidade surda e, portanto, não como uma deficiência. Diferenciam-se dos ouvintes por não ouvir, mas, principalmente, por ter o desenvolvimento de suas potencialidades de forma distinta e por ter uma cultura visual-gestual, na qual sua língua se faz presente.

A identidade surda é um aspecto imprescindível para que sua comunidade se constitua com base concreta e para que esta consiga direcionar seus movimentos políticos, buscando se afirmar como sujeitos com uma cultura própria.

A identidade surda pode ser definida como um conjunto de características da comunidade surda. Um conjunto de tradições, costumes, interesses, cultura e língua desenvolvido e vivido pelo povo surdo⁵ (ROSA, 2012, p. 22).

Neste seguimento, a comunidade surda tem, em sua história, uma cultura visual e gestual que se refere ao canal de recepção de informação e conhecimento e de comunicação entre a comunidade e o sujeito surdo. Desta maneira, para os fins do Decreto n. 5.626⁶, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura, principalmente, pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS (BRASIL, 2005). De tal modo, os surdos não se enquadram nos Jogos Olímpicos e nem nos Jogos Paralímpicos. Os surdos têm um evento próprio, as Surdolimpíadas, conhecida internacionalmente como *Deaflympics*³, é um evento esportivo internacional, que integra atletas surdos de diversos países. O Brasil é um dos países que participa

³ *Deaflympics* também aparece como “Jogos Internacionais para Surdos” ou “Jogos Internacionais Silenciosos”.

das Surdolimpiadas, no entanto, ainda pouco se conhece sobre as histórias e memórias dos Esportes Surdos no país. Pesquisando nos bancos de tese universitária tanto de doutorado como de mestrado, pouco se encontra sobre o assunto dos esportes surdos e quase nada sobre as surdolimpiadas. O levantamento realizado utilizando palavras chaves como surdolimpiadas, esporte surdo, Deaflympics, em sites de buscas conhecidos e banco de teses digitais (*google, yahoo, ibid*) mostro uma carência neste assunto. Ao total de 4.315 teses sobre o assunto do esporte, uma tese sobre o esporte surdo, sendo que a mesma foi realizada por mim no mestrado, nenhuma sobre a surdolimpiadas ou *Deaflympics* e a participação do Brasil neste evento. Portanto essa tese de caráter inédito, narra a história da participação brasileira na surdolimpiadas.

Diante dessa conjuntura, esta tese buscou responder o seguinte problema de pesquisa: como se constituiu a prática dos Esportes Surdos e a participação brasileira nas Surdolimpiadas no período de 1993 até 2017. Esta questão central se desdobra nos seguintes objetivos: a) Apresentar um panorama das Surdolimpiadas; b) Explanar os percursos dos Esportes Surdos no Brasil; c) Delinear a participação brasileira nas Surdolimpiadas. O recorte temporal inicial do estudo demarca a edição das Surdolimpiadas em que os primeiros atletas surdos brasileiros competiram no evento. Por sua vez, o recorte final representa a possibilidade de alcance temporal desta tese, tendo em vista os procedimentos necessários para o seu desenvolvimento e sua conclusão. Para responder ao problema de pesquisa e aos objetivos propostos, esta tese buscou apoiar-se nos referenciais teóricos do campo dos estudos socioculturais. Estes estudos permitem compreender a surdez para além de aspectos clínicos ou de perda auditiva, considerando a luta política dos Surdos para o seu reconhecimento enquanto uma comunidade com cultura própria.

Os surdos são uma comunidade cultural que precisa registrar as suas memórias a fim de que sua cultura seja resguardada e conhecida pela sociedade. No que diz respeito às memórias esportivas, de acordo com a literatura consultada, nota-se que há poucas pesquisas publicadas sobre a história dos Esportes Surdos. O estudo de Atherton, Russell e Turner (1999) aborda a história do futebol para Surdos na Grã Bretanha. Por sua vez, Benvenuto e Séguillon (2016), desenvolveram um estudo que tratou do advento do esporte silencioso na França, no início do século XX. Desta maneira, uma dificuldade observada no desenvolvimento desse tipo de pesquisa se refere à carência de fontes impressas em língua falada ou escrita porque a linguagem

dos Surdos é a língua de sinais (ATHERTON; RUSSELL; TURNER, 1999). Igualmente, observa-se reduzida atenção a essa temática em estudos históricos.

Foi por meio da prática esportiva que as identidades dos Surdos se fortaleceram, não só aproximando os iguais, mas, também, criando bases para a geração de uma identidade (encontro com os iguais), do sentimento de comunidade. Os Surdos, através da prática esportiva e da participação em competições, adquiriam informações sobre as comunidades Surdas, trocavam opiniões sobre questões diversas, além de vivenciarem momentos de sociabilidades e lazer. Não se pode esquecer que, antropologicamente, a identidade de cada surdo depende de suas relações e experiências socioculturais, marcada pela particularidade da utilização da língua de sinais, como fica evidenciado na pesquisa de Rangel (2004).

Neste sentido, justifica-se a realização desse estudo devido a importância do esporte para o reconhecimento antropológico do surdo como uma comunidade. Nesta direção, torna-se fundamental o registro e conhecimento da História do Esporte na comunidade surda. Há uma escassez de informações sobre o processo de emergência e desenvolvimento do esporte surdo no Brasil, bem como das resistências que o esporte surdo enfrenta no país, ou seja, existe uma carência de documentação sobre as memórias dos esportes surdos no Brasil. É possível encontrar vários documentos que tratam da história da educação dos surdos, mas, quando se refere ao esporte, percebe-se uma escassez de registros. Durante o desenvolvimento do esporte surdo, o sujeito surdo não percebeu sua importância, e não providenciou um registro escrito, visual, enfim, documental.

No desenvolvimento da comunidade surda⁴, pensou-se que a base científica para a formação do povo surdo estava na educação. Porém, o olhar para o passado, consolida o fator esporte como base antropológica, como meio de troca de informações e orientação para o surgimento desta comunidade. Portanto, o estudo no campo esportivo está defasado, ou seja, sua história está fragmentada. Outra situação que pode explicar a carência de registros sobre o esporte é o fato de muitos surdos optarem pela formação na área da educação em detrimento de outras áreas.

O registro da história e da memória humana se dá, em grande parte, por meio dos documentos gerados pelas atividades desenvolvidas por determinada organização, pessoa ou família. Porém, a história do esporte surdo ainda está na fase do

⁴ Comunidade Surda será utilizada como sinônimo de povo surdo e vice-versa.

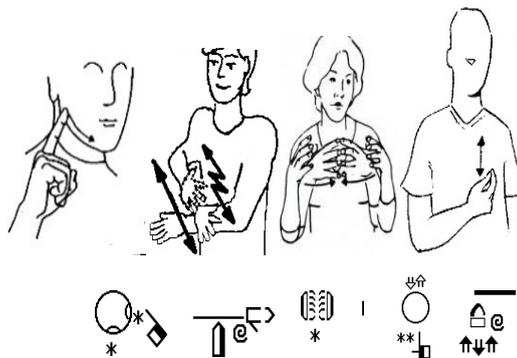
registro. Alguns países já possuem a cultura de registrar a história, como, por exemplo, nos Estados Unidos, com a obra intitulada *The History of the Deaflympics Games* (A história das Surdolimpíadas) (PINCHAS, 2015), onde fotos, entrevistas, placares contam uma história resumida das Surdolimpíadas. No Brasil acreditamos que este seja um dos primeiros estudos de memória da participação brasileira em Surdolimpíadas. Em busca de respostas para esta investigação histórico-cultural, realizou-se uma revisão bibliográfica sobre o tema, seguida pela coleta de fontes documentais e de fontes orais, tendo sido entrevistados surdoatletas brasileiros que participaram de edição(ões) das Surdolimpíadas.

Essa tese está estruturada em cinco capítulos, sendo, o primeiro, a introdução. No segundo capítulo, são apresentados os pressupostos teóricos da pesquisa; no terceiro capítulo, está descrita a metodologia utilizada para o desenvolvimento da investigação; o quarto capítulo é dedicado à apresentação e discussão dos resultados, os quais estão divididos em quatro subcapítulos, quais sejam: “Um panorama das Surdolimpíadas (*Deaflympics*)”, “Esportes surdos no Brasil: dos primeiros vestígios ao tempo presente”, “Delegações brasileiras nas Surdolimpíadas (*Deaflympics*)” e “Memórias sinalizadas dos esportes surdos no Brasil”. No quinto capítulo, são apresentadas as considerações finais da pesquisa e, por fim, estão listadas as referências e exibidos os apêndices da pesquisa.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesse capítulo apresentamos o referencial teórico que ampara a pesquisa, a qual busca elucidar o esporte surdo como uma questão histórico-cultural de construção de identidades, bem como, uma situação de convívio, socialização e competição. Escrever uma história, delega tempo e pesquisa. Escrever sobre um grupo de pessoas que tiveram sua trajetória marcada pela discriminação e preconceito delega conhecimento e curiosidade. Escrever buscando a imparcialidade, delega a complexa missão de separar escritor do participante. Escrever sobre um assunto inédito, delega trazer na escrita conceitos que já deveriam ser de conhecimento geral. Escrever, pensar e pesquisar sobre a surdez, delega ter uma habilidade em transformar vivências em relatos e essas em documentos. Enfim, escrever sobre surdez, esporte e as Surdolimpiadas delega sentimento, identidade e principalmente poder sinalizar: sou surdo e participei da história de meu grupo. Sinto-me vivo.

Imagem 1- Escrita e sinalização em LIBRAS



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Para que todos possam acompanhar e entender o orgulho desta escrita, faz-se necessário elucidar alguns conceitos para melhor compreensão sobre o olhar desse estudo sobre o surdo. Desta forma, será explicitada a compreensão, para fins dessa pesquisa, sobre os fenômenos analisados, as práticas esportivas que compõem as Surdolimpiadas, bem como os conceitos e teorias a serem empregados para elaborar uma determinada versão dos fatos ocorridos. Os conceitos norteadores da pesquisa são cultura, surdez e comunidade, os quais são fundamentais para entender aspectos relativos ao reconhecimento da diferença, do não ouvir, da comunidade surda.

A cultura, ou melhor, culturas, é um dos conceitos, no qual a diferença é abordada. Segundo Clifford Geertz (1989, p. 20), a cultura

é a própria condição de vida de todos os seres humanos. É produto das ações humanas, mas é também processo contínuo pelo qual as pessoas dão sentido às suas ações. Constitui-se em processo singular e privado, mas é também plural e público. É universal, porque todos os humanos a produzem, mas é também local, uma vez que é a dinâmica específica de vida que significa o que o ser humano faz. A cultura ocorre na mediação dos indivíduos entre si, manipulando padrões de significados que fazem sentido num contexto específico.

Já Caclini (2009, p. 41) utiliza o termo cultura como “o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social”. Uma pequena palavra, mas com um significado amplo e em alguns momentos contraditórios. Para termos uma visão mais apurada, Silva e Silva (2006) colocam que: o conceito de cultura é um dos principais nas ciências humanas, a ponto de a Antropologia se constituir como ciência quase somente em torno desse conceito. Para Nídia Limeira de Sá (2006, p. 01) cultura é “definida como um campo de forças subjetivas que dá sentido(s) ao grupo”. Segundo Hall (1997), a cultura que temos determina uma forma de ver, de interpelar, de ser, de explicar e de compreender o mundo.

Com relação a cultura Surda, Strobel (2009, p. 24), uma pesquisadora surda, define:

É o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo.

Os pesquisadores surdos Carol Padden e Tom Humphries (2000, p. 5) afirmam que a cultura surda “proporciona um caminho para as pessoas surdas se reinventarem”. Esse processo, referem os autores (2000, p. 40), oportuniza “que os surdos pensem em si mesmos não como pessoas com audição inacabada, mas como seres culturais e linguísticos em um mundo coletivo uns com os outros”.

Strobel (2009 p. 21) define a cultura surda como o “jeito surdo de ser, de perceber, de sentir, de vivenciar, de comunicar, de transformar o mundo de modo a torna lo habitável”. Deste modo, a cultura representa uma afirmação de identidade surda de forma peculiar e específica, onde o foco central da mesma é o seu espaço

linguístico:

língua de sinais. Para Campos e Stumpf (2012, p. 177), pertencer à cultura surda implica dominar, em maior ou menor grau, a língua de sinais que caracteriza o grupo ao qual aquele indivíduo pertence.

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é a forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição do conhecimento universal (STROBEL, 2009, p. 44).

Esta língua emprega gestos, sinais e expressões faciais e corporais, sendo de aquisição visual e produção espacial e motora. São as línguas procedentes de cada comunidade de surdos, ao redor do mundo. Muitas línguas de sinais são encontradas em diferentes locais do mundo, usadas como forma de comunicação entre pessoas surdas ou com problemas auditivos naqueles espaços. Muitas delas receberam o título de língua oficial em vários países (LÍNGUAS DE SINAIS..., [?]).

Wrigley (1996 apud KARNOPP, 2004, p. 103), lembra que no ano de 1984, a UNESCO, declarou o seguinte que “(...) a língua de sinais deveria ser reconhecida como um sistema linguístico legítimo e deveria merecer o mesmo status que os outros sistemas linguísticos”. No Brasil, em 24 de abril de 2002 ocorreu o reconhecimento da LIBRAS, como a língua utilizada pela comunidade surda, fruto da luta da comunidade surda e de seus simpatizantes.

A cultura surda está diretamente relacionada à compreensão do conceito de comunidade. Conforme Bauman (2003, p. 7), “‘comunidade’ produz uma sensação boa por causa dos significados que a palavra ‘comunidade’ carrega: é a segurança em meio à hostilidade”. Este conceito é amplo, segundo Max Weber (1973, p. 140- 143), uma vez que “abrange situações heterogêneas, mas que, ao mesmo tempo, apoia-se em fundamentos afetivos, emotivos e tradicionais”. De acordo com o mesmo autor (1973, p. 140) comunidade é “uma relação social quando a atitude na ação social – no caso particular, em termo médio ou no tipo puro – inspira-se no sentimento subjetivo (afetivo ou tradicional) dos partícipes da constituição de um todo”.

As comunidades surdas, como espaços de partilha linguística e cultural presentes em milhares de cidades do mundo, reúnem surdos e ouvintes – em geral, usuários das línguas de sinais – com expectativas, histórias, olhares e/ou costumes comuns. O termo, corrente nos estudos surdos e entre militantes e profissionais ligados à causa

surda, é comumente usado em sua acepção ampla (por vezes, de forma aligeirada e vaga) para delimitar os espaços de existência (e resistência) de uma minoria linguística com marcadores culturais próprios.

Enfim, “comunidade surda”, é vista como um espaço de trocas simbólicas em que as línguas de sinais, a experiência visual e os artefatos culturais surdos são partilhados entre sujeitos surdos (e ouvintes).

Para que um grupo se constitua e se configure como uma comunidade, algumas condições são necessárias. Temos como exemplos: afinidades entre os diferentes indivíduos que constituem o grupo, interesses comuns que possam conduzir as ações do grupo por caminhos comuns, continuidade das relações estabelecidas, bem como tempo e espaço comuns, em que os encontros do grupo possam acontecer (LOPES; VEIGA-NETO, 2006, p. 82).

Embora se trate de conceitos intrincados, Padden e Humphires (2000, p. 5) estabeleceram uma diferença entre cultura e comunidade, conforme consta no seguinte excerto:

[...] uma cultura é um conjunto de comportamentos apreendidos de um grupo de pessoas que possuem sua própria língua, valores, regras de comportamento e tradições; uma comunidade é um sistema social geral, no qual um grupo de pessoas vive juntas, compartilham metas comuns e partilham certas responsabilidades umas com as outras.

A formação de uma comunidade tem como um de seus alicerces as suas práticas culturais. No caso dos surdos, as práticas esportivas, antes ignoradas, surgem como base na formação de uma comunidade. O esporte centra o surdo na sua história e mostra a importância dessa prática para a formação de sua comunidade.

Cabe salientar que o esporte surdo não nasce numa concepção de cultura da saúde, cuidado com o corpo, mas sim em uma esfera antropológica, de autonomia e legitimidade de uma comunidade emergente. Essa perspectiva dos esportes surdos é elucidada por Stewart (1991, p. 1):

Há algo em ser “Surdo” que é confortável àqueles que têm essa identidade.... O esporte para surdos pode ser considerado um meio de entender a dinâmica da surdez. Facilita a identificação social entre os surdos, algo que não se consegue facilmente em outros contextos socioculturais. Baseia-se no ponto de vista dos surdos para definir seus padrões sociais de comportamento, apresentando uma abordagem à surdez que difere em grande medida da abordagem adotada pelas instituições das pessoas que ouvem. Basicamente, o esporte para os surdos ressalta a honra de ser surdo, enquanto a sociedade tende a se concentrar no aspecto negativo da surdez.

A surdez em si não implica em restrições à prática esportiva, como também não é possível afirmar que há esportes mais ou menos adequados para surdos. Entretanto, as limitações linguísticas e comunicacionais podem dificultar a compreensão e o relacionamento, interferindo na aprendizagem e no comportamento do indivíduo. A prática esportiva é uma forma de melhorar a qualidade de vida das pessoas com surdez. Através do esporte, surdos podem demonstrar sua capacidade à sociedade, fortalecer sua autoestima, entre outros inúmeros benefícios, contribuindo com a inclusão social.

De acordo com Salomon (2009, p. 42), o surdo define sua surdez como cultural: “Um número crescente de pessoas surdas sustenta que não escolheria ouvir. Para elas, a cura - surdez como patologia - é execrada; a adaptação - surdez como deficiência - é mais palatável; e a celebração - surdez como cultura - supera todas”. Ao considerar a surdez como cultura, o surdo forma uma comunidade, na qual as informações passam pelas mãos e pela visão, seu canal de percepção. Segundo Rouchoy e Veloso (2008, p. 34) “a gestualidade humana é um fato de sociedade e cultura, e não de natureza biológica e congênita que se imponha, de forma determinante, ao indivíduo”. Cada cultura, indiferente de classe e gênero tem diferentes modos de decifrar, sensorialmente o mundo. Salomon (2009, p. 240) adverte que: “Os surdos eram considerados idiotas - daí o uso na língua inglesa da palavra “*dumb*” [mudo] para descrever uma pessoa pateta -, mas essas limitações eram consequência de negar-lhes sua língua”.

Negar a língua significava e significa, também, a negação de sua independência e identidade, enfim de ser sujeito construtor e participante de sua história. O olhar diferenciado como sujeito de sua história, com a liberdade da utilização de uma língua diferenciada para decifrar o mundo, faz parte da construção da identidade do sujeito. O surdo que não se envolve ou não tem um contato com a política surda, não se encaixa na comunidade surda, assumindo o lugar de deficiente, o não eficiente, tanto em questões linguísticas como em posturas de vida de submissão. O esporte trouxe um novo olhar sobre e para os surdos, que descobriram e testaram suas possibilidades, provando, quando necessário, suas capacidades e potencialidades. Conforme informações presentes

no projeto da Confederação Brasileira de Desportos Surdos, chamado Projeto para Financiamento da Participação da Delegação Brasileira no “2017 Summer Deaflympics” (2016, p. 7):

os benefícios encontrados no esporte são imensuráveis para uma população que necessita testar e descobrir possibilidades, acreditar nas suas potencialidades físicas, superar as dificuldades e preconceitos devido às suas limitações sensoriais, para perceber-se como ser físico e cognitivo. O esporte desenvolve aspectos psicossociais, pois as práticas competitivas possibilitam uma autoavaliação conduzindo o homem a sentimentos de valor, força, prestígio, poder, capacidade, utilidade e autoconfiança. Favorece a adaptação sociocultural do homem, que muitas vezes é excluído por não fazer parte do protótipo irreal de perfeição. As competições e confrontos esportivos são o ponto culminante de um trabalho de formação e educação através do movimento. É onde se percebe que não existem barreiras e impedimentos, é onde existe a crença de que todos são capazes de superar, transpor e lutar por um mundo melhor, de compreensão mútua, de espírito fraterno e solidário.

Há pesquisas que investigaram se o surdo apresenta perdas em sua capacidade competitiva em razão de não ter audição. De acordo com Zwierzchowska, Gawlik e Grabara (2008), a ausência de audição pode afetar o desenvolvimento de habilidades motoras e, por isso, ocorrer uma hiper-adaptação dos jovens surdos no desenvolvimento de habilidades motoras de outras maneiras. Isto é, há dificuldades, mas não que impossibilitem essa comunidade de construir suas histórias no esporte. Vale referir que, diferentes termos, em diferentes línguas, nomeiam os surdos. Em Português/Brasil utiliza-se a expressão “deficiente”, enquanto que no espanhol fala-se “*discapacidade*” e em francês “*Pauvres*”. Contudo, nenhum destes termos abrange o significado da luta da comunidade surda, salientando-se neste caso, o termo surdo (português), *Deaf* (Inglês), *Sourds* (Francês) *Sordos* (Espanhol).

Surdo ou surdo? Como diferencia? De acordo com Wrigley (1996) a diferença de letra mostra uma diferença de conceito e foi feita pela primeira vez no ano de 1972, pelo sociolinguista James Woodward (2000, p. 13), justificando a utilização:

O uso do termo Surdo, com letra maiúscula, agora é amplamente usado para se referir à categoria cultural de auto identificação. O termo com letra minúscula refere-se ao simples fato da deficiência audiovisual e é diferente do processo de auto identificação (JAMES WOODWARD, 2000, p. 13).

Paddy Ladd (2013), investigador britânico surdo coloca o termo surdo, referindo-se aos estudos, todo aquele que se identifica com a surdez, aceita e adota sua cultura, frequenta a comunidade e comunica-se em língua de sinais. Já a palavra surdo, para o referido autor, é aquele que perde a audição e não convive e nem aceita a comunidade surda, sua cultura e língua:

A palavra surdo se refere aqueles para quem a surdez é fundamentalmente uma experiência audiológica. Se usa também para descrever a quem perdeu parte ou toda a sua audição em tenra idade ou avançada. Surdo se refere aqueles que nasceram Surdos ou que ficaram surdos na primeira infância, para quem as línguas de sinais, as comunidades e as culturas do coletivo surdo representam sua experiência (PADDY LADD, 2013, p. xiv).

Ser surdo, portanto, ultrapassa o termo deficiência, âmbito clínico, e assume o seu lugar no campo dos estudos culturais, da linguística e da educação. Ser surdo é reconhecer-se, e afirmar-se como surdo. Ser surdo é aprofundar as questões de identidade, expressões culturais, diferenças, lutas e direitos. Ladd (2013, p. 3-4) apresenta uma denominação de ‘Surdidade’ (em inglês é escrito como ‘Deafhood’): Surdidade representa um processo: luta que passa cada criança surda, família surda e adulto surdo para explicarem a si próprios e aos outros a sua existência no mundo

“Surdidade” (Deafhood).Surdidade não é, todavia, uma condição médica “estática” como a surdez. Ao invés, representa um processo – luta por que cada criança Surda, família Surda e adulto Surdo para explicarem a si próprios e aos outros a sua existência no mundo. Ao partilharem as suas vidas uns com os outros enquanto comunidade, e governando-se por essas explicações, mais do que escrevendo livros sobre elas, as pessoas Surdas envolvem-se numa práxis diária, num diálogo interno e externo continuado. Esse diálogo não só reconhece que a existência como pessoa surda é o processo de tornar-se e manter-se “Surdo”, mas também reflete interpretações diferentes de Surdidade, do que possa significar ser uma pessoa Surda numa comunidade Surda.

A pesquisadora surda Gladis Perlin (1998), contribuiu para a construção de conhecimentos sobre as identidades surdas. A autora pesquisou sobre as várias identidades comuns entre os surdos, tratando-os como um conceito abrangente: a população total de surdos, sejam usuários de línguas gestuais, sejam oralizados, sejam participantes ou não das comunidades surdas. Silva assim define:

A identidade cultural ou social é o conjunto dessas características pelas quais os grupos sociais se definem como grupos: aquilo que eles são,

entretanto é inseparável daquilo que eles não são, daquelas características que os fazem diferentes de outros grupos (SILVA, 1998, p. 58).

Neste sentido, Perlin⁵ (1998) acredita que há diferentes tipos de identidade. Entre elas:

1. Identidade surda completa é construída dentro da comunidade surda, há a construção dos signos visuais, um conforto linguístico ao usar a Língua de sinais, que, muitas vezes, transforma-se em ação política, pelos direitos linguísticos e sociais dessa minoria.

2. Identidade surda híbrida ocorre com pessoas que tiveram surdez pós linguística, nascem surdos parciais ou ficam surdos num determinado tempo de vida e carregam em si uma identificação com ouvintes, mas há momentos que necessitam de participar da comunidade de surdos.

3. Identidades de transição geralmente ocorrem com surdos que nunca tiveram contato com a comunidade surda, e ao os encontrarem passam por um processo de mudança. Transição da identidade flutuante para a projeção da identidade surda.

4. Identidade surda incompleta ocorre quando há uma sensação de autodepreciação, vergonha, isolamento e passividade, aceitam as pressões para serem como os ouvintes, “normais”, sendo que nunca o serão, pois a surdez não deixa de existir na pessoa.

5. Identidades flutuantes correspondem à dificuldade em identificar-se com o surdo, pelo estereótipo ou pelo desconhecimento.

Embora haja diferentes tipos de identidades opta-se por trazer também a visão de Madeira (2015, p. 25): “a identidade é uma ação que adota as características do sujeito ou do elemento, de acordo com a imposição do tempo”. Em relação a isso hoje a identidade política surda é a mais utilizada para caracterizar o povo surdo que se movimenta para seu reconhecimento como sujeito surdo. Essa caracterização leva em conta aspectos como: pontos

⁵ Faz se necessário explicar estas identidades e exaltar a primeira pesquisadora do assunto e surda, que trouxe grande colaboração científica e real, dando visibilidade tanto ao assunto como ao sujeito.

econômicos, políticos e sociais, entre outros, para a construção do sujeito. Citando Stuart Hall, Madeira (2015, p. 25) coloca que “tanto a identidade individual quanto a identidade coletiva são estabelecidas a partir de processos culturais dinâmicos e da influência geopolítica, ainda que varie com as circunstâncias surgidas das diferentes épocas”.

Portanto, a identidade surda individual e coletiva está sempre em movimento, construindo-se e modificando-se conforme o momento. Para essa modificação o Surdo, ou a comunidade Surda sempre está em situação de necessidade com o outro igual. Pessoas com surdez destacam que não vivem de adaptação ou reabilitação, mas, sim, criando meios de ser e estar no mundo, como qualquer ser humano faz.

3 METODOLOGIA

Na busca por compreender como ocorreu a participação brasileira nas Surdolimpíadas, desde 1993 até 2017, foram escolhidos caminhos a serem trilhados para o alcance das informações – indícios – do passado. Inicialmente, foi feito um planejamento e levantamento de possibilidades para pesquisar o tema. Os procedimentos metodológicos adotados incluem a revisão bibliográfica (em teses, dissertações, artigos, livros e bases de dados), sobre as Surdolimpíadas e os Esportes Surdos no Brasil, a coleta de fontes documentais e de fontes orais⁶. As informações obtidas por meio do site eletrônico da Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS) e das *Deaflympics* relacionadas às datas e às cidades sede das Surdolimpíadas, aos nomes e à quantidade de integrantes das delegações brasileiras, às conquistas de medalhas pelos surdoatletas brasileiros, assim como documentos oficiais sobre o evento, configuram a documentação do estudo. Para Samara e Tupy (2007, p. 79), a seleção e a localização de documentos são “um pressuposto essencial à pesquisa”. Os documentos históricos são a ligação com o passado, registraram os acontecimentos e mantiveram a bagagem simbólica que cada fenômeno histórico desenvolveu no imaginário dos indivíduos que construíram este passado.

Também foram utilizados os depoimentos de cinco integrantes das delegações brasileiras nas edições das Surdolimpíadas de 1993 a 2017. A utilização de entrevistas, traz a necessidade de compreender a metodologia empregada em pesquisa narrativa, que tem como foco a experiência humana e trata-se de um estudo de colaboração entre pesquisador e participantes. O objeto de estudo da pesquisa narrativa são as histórias narradas. Segundo Clandinin e Connelly (2011), por condições pessoais entendem-se sentimentos, esperança, desejos, reações estéticas e disposição moral do pesquisador ou do participante. Por condição social, entendem-se as condições existenciais, o ambiente, forças e fatores subjacentes e pessoas que participam e formam o contexto dos indivíduos. Deste modo, quando o pesquisador está em campo, ele nunca está ali apenas

⁶ Fontes orais, neste caso, entende-se sinalizadas, uma vez que a modalidade de LIBRAS é visual-gestual.

como mente, sem corpo, registrando a experiência de alguém, ele (pesquisador) está vivendo essa experiência, tornando-se parte daquele lugar, daquele contexto.

O primeiro passo para a coleta de informações por meio de entrevistas, foi a realização dos convites aos participantes, quais sejam: os primeiros surdoatletas brasileiros a participarem da competição das Surdolimpíadas, os quais não conquistaram medalhas; os primeiros surdoatletas que participaram das Surdolimpíadas, conquistando medalhas para o Brasil; bem como, pessoas que estimularam e, através da administração de entidades esportivas, viabilizaram a participação dos surdoatletas brasileiros nas Surdolimpíadas. Após os dez convites realizados, aceitaram participar da pesquisa: Sérgio Andrade, do Rio de Janeiro (RJ), presidente da Federação Desportiva dos Surdos do Rio de Janeiro, responsável pelo grupo de Tênis de mesa, assim conhecido, que possui financiamento governamental; e, surdoatletas que concretizaram a participação do Brasil nas Surdolimpíadas, entre 1993 e 2017: Alexsandro Grade (surdo atleta da natação), Jiovanna Creso Cordeiro (surdo atleta natação), Heron Rodrigues da Silva (surdo atleta do judô), Guilherme Maia Kabbach (surdo atleta da natação) e Alexandre Soares Fernandes (surdo atleta do judô). Embora alguns destes surdoatletas não tenham obtido medalhas, foram protagonistas da história da representação do Brasil nas Surdolimpíadas.

Alexandre Soares Fernandes nasceu em São Gonçalo, Rio de Janeiro. Começou sua história observando um amigo surdo a praticar Judô. Aos poucos foi treinando e começando a se interar do esporte. Hoje, faz parte da seleção brasileira dos surdos e da Associação Valorizando as Diferenças (AVD)¹⁷. Em 2012 representou o Brasil no Pan - Americano de Surdos de Minas Gerais, com bolsa surdo atleta categoria internacional, representando a AVD. Foi o primeiro surdo a conseguir a bolsa surdo atleta.

⁷ AVD - Organização sem fins lucrativos que visa a inclusão de Pessoas com Deficiências, sendo pioneira no Judô para surdos.

Imagem 2 – Alexandre Soares Fernandes



Fonte: Imagem encontrada no *site* da CBDS.

Alexsandro Grade nasceu em Londrina, no Paraná. Ex-atleta da natação, participou desde o início das Surdolimpíadas. Grade começou a treinar a natação com ouvintes e fazia futebol com os surdos. Porém, em determinado momento escolheu a natação para dedicar-se como atleta. Atualmente trabalha de diretor da Viavel⁸.

Imagem 3 – Alexsandro Grade na Surdoolimpíada de Sofia (1993)



Fonte: Arquivo pessoal de Alexsandro Grade.

⁸ Empresas que possuem muitos colaboradores surdos, como fábricas, por exemplo, resolveram problemas de comunicação interna com as soluções da Viavel Brasil, muitas vezes os surdos precisavam se deslocar dentro da fábrica ou escritório para se comunicar com outro colaborador surdo.

Guilherme Maia Kabbach é formado em Educação Física e nadador surdo, natural de Santos, em São Paulo. Conquistou a medalha de ouro na Surdolimpíada de 2017, realizada na Turquia. O atleta de 29 anos também fez história ao vencer a prova dos 200 metros nado livre com recorde mundial: 1min52s55. Ele foi o primeiro brasileiro a conquistar uma medalha de ouro em Surdolimpíadas. No total das competições que participou até hoje, Guilherme conta com 59 medalhas, dois recordes mundiais e um recorde olímpico.

Imagem 4 – Guilherme Maia Kabbach na Surdolimpíada de 2019



Fonte: Imagem encontrada no *site* da CBDS.

Heron Rodrigues da Silva é professor e lutador de Karatê, natural de Pato Branco, no Paraná. Conquistou a medalha de bronze na Surdolimpíada de Verão de 2013, realizada na Bulgária. E, o bronze na Surdolimpíada da Turquia, em 2017. O atleta surdo, de 32 anos, é faixa preta de karatê.

Imagem 5 – Heron Rodrigues da Silva na Surdolimpíada de 2019



Fonte: Imagem encontrada no *site* da CBDS.

Jiovana Maria Crespo Cordeiro nasceu em Campos de Goytazes, Rio de Janeiro. Seu objetivo na natação era melhorar sua alergia e equilíbrio. Pelo seu desempenho, foi convidada para participar de competições de ouvintes. Sua carreira como nadadora destacou-se mais em competições ouvintes chegando a integrar vários times representativos de instituições como na Universidade Gama Filho, no Clube de Regatas e na seleção brasileira de triatlon. No esporte surdo sua caminhada é mais curta: Campeonato Sul Americano em São Paulo e a Surdolimpíada em Sofia, na Bulgária. Hoje, Jiovana pratica natação por lazer e trabalha em uma firma de importação e exportação.

Imagem 6 – Jiovana Crespo Cordeiro na Surdolimpíada de Sofia (1993)



Fonte: Arquivo pessoal de Alexsandro Grade.

Ao aceitarem participar, as referidas pessoas assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), autorizando o uso dos seus depoimentos de forma escrita ou através da filmagem de suas respostas por meio da LIBRAS. Além disso, neste TCLE, os participantes autorizaram a utilização de seus nomes e de suas imagens para fins desta pesquisa. Assim, ao serem convidados a participar, foi explicado que o objetivo seria registrar as suas histórias e que eles seriam questionados sobre os seguintes assuntos: história de vida; financiamento para participação nas Surdolimpíadas; organização para as Surdolimpíadas; participação nas Surdolimpíadas.

As entrevistas, compostas por 13 perguntas (APÊNDICE A), foram realizadas com a presença do pesquisador e de uma interprete de português-LIBRAS, sendo gravada e filmadas com câmera de vídeo. Cada surdo atleta escolheu a forma de expressar-se: por meio de filmagem ou da escrita. Desta maneira, Jiovana Crespo Cordeiro respondeu a entrevista de forma escrita e enviou ao pesquisador via e-mail. Já, os outros surdoatletas, participaram das entrevistas de forma *on line* utilizando aplicativos com vídeo chamada e filmagem enviada pelo *you tube*.

Através de narrativas via vídeo – em LIBRAS – foram realizadas as transcrições dos depoimentos – transcrição das sinalizações – tal qual visto nas filmagens. De tal modo, foi realizado o registro dos relatos dos participantes em forma escrita. Assim, colocou-se na estrutura do português e enviou-se o texto para que os surdoatletas realizassem a revisão das transcrições, buscando manter a maior fidedignidade aos depoimentos. Após o retorno dos textos, com a aprovação sobre a veracidade das transcrições, deu-se início à análise das informações. Cabe a ressalva de que as fontes “orais” consistem na base empírica da pesquisa. Como uma forma de incrementar os relatos dos surdoatletas, participantes desta pesquisa, foi realizada a busca por entrevistas/relatos destes em *sites* esportivos de surdos como o *site* da CBDS. A partir de informações disponibilizadas pelos próprios surdos, foram localizadas as entrevistas de Heron Rodrigues e Guilherme Maia Kabbach, no *blog.signumweb.com.br*.

Os depoimentos coletados foram fundamentais para a escrita, a contextualização e a confrontação das fontes, buscando analisar as informações sob o ângulo político, social e econômico, não esquecendo a história e a cultura surda. Torna-se importante, para o nosso fazer investigativo, “encontrar, coletar e juntar as informações” disponíveis à pesquisa (PARÁISO, 2012, p. 33). Assim, utilizamos diferentes estratégias metodológicas: entrevistas, documentos e fotografias.

Por fim, as informações coletadas foram organizadas e submetidas ao processo de análise documental, com suporte no referencial teórico e na revisão bibliográfica sobre as Surdolimpíadas e os esportes surdos no Brasil. Espera-se que este estudo contribua para acrescer as informações acerca do objeto de estudo no campo acadêmico-científico, bem como para conservar as memórias dos esportes surdos no país e a sua participação no evento mais representativo deste fenômeno

no mundo. No próximo capítulo, apresentamos os resultados da análise do *corpus* documental e das entrevistas, dispostos em quatro categorias de análise, conforme segue.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

À história foi atribuída a função de julgar o passado, de instruir os homens a tirar o melhor proveito dos anos a vir. A tentativa atual não tem tamanha pretensão. Ela aspira a busca pela verdade, por como as coisas efetivamente aconteceram, contudo, opera com a verossimilhança. Profissionais da história devem estar comprometidos na compreensão do passado, transformando-o em conhecimento histórico de maneira inteligível. Os tópicos que seguem apresentam, de forma descritiva, os resultados da revisão bibliográfica e da coleta de informações acerca do objeto de estudo dessa tese. As informações foram distribuídas em quatro subcapítulos, a saber: “Um Panorama das Surdolimpíadas (*Deaflympics*)”, “Esportes surdos no Brasil: dos primeiros vestígios ao tempo presente”, “Delegações brasileiras nas Surdolimpíadas (*Deaflympics*)” e “Memórias sinalizadas dos esportes surdos no Brasil”.

4.1 UM PANORAMA DAS SURDOLIMPÍADAS (*DEAFLYMPICS*)

As Surdolimpíadas (*Deaflympics*) consistem em um evento multidesportivo internacional voltado para surdo atletas, o qual ocorre a cada quatro anos. O nome do evento resultou da combinação das palavras “surdo” e “olimpíada”, aludindo aos Jogos Olímpicos e, talvez, por isso, também é referido como “Olimpíadas para surdos”. A organização deste evento é realizada pelo *Comité Internacional des Sports des Sourds* (CISS) ou, na tradução para o português, Comitê Internacional de Desportos para Surdos. Recentemente, adotou-se a nomenclatura em inglês: *International Committee of Sports for the Deaf* (ICSD). Para fins de compreensão da narrativa, optou-se pela utilização da sigla CISS para referir-se a este Comitê no decorrer do texto que segue, pois é a forma mais identificada nas fontes consultadas. Tal entidade, reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), desde 1955, é responsável pelo esporte surdo. Para Winnick (2004), o evento representa a versão das Olimpíadas para as pessoas com surdez.

O evento esportivo, desde a sua criação, no princípio da década de 1920 até meados da década de 1960, era denominado “Jogos Internacionais Silenciosos” e/ou “Jogos Internacionais para Surdos”. A partir do ano de 1966 até o ano de 1999, a

nomenclatura do evento foi alterada para “Jogos Mundiais para Surdos” e, ocasionalmente, era citado como “Jogos Mundiais Silenciosos”. Para as edições datadas a partir do ano 2000, adotou-se o nome *Deaflympics* (Surdolimpíadas), com o reconhecimento oficial do Comitê Olímpico Internacional.

A primeira edição das Surdolimpíadas ocorreu na cidade de Paris (França) no ano de 1924. A iniciativa de promover o evento esportivo foi do surdo Eugène Rubens-Alcais, presidente, no período, do *Deaf Mute Sports Federation* (Federação Esportiva Surdo-Mudo). A entidade, também referida como Organização Mundial de Esportes para Surdos, foi fundada por volta de 1922, com a finalidade de promover a prática esportiva para competidores com surdez. De acordo com o Sr. Antoine Dresse, secretário geral do Comitê Internacional de Desportos para Surdos (CISS)⁹:

Não tínhamos certeza se organizávamos jogos anuais, mas o sr. Alcais foi inflexível: ele fez todo o possível para influenciar e persuadir líderes surdos e atletas para realizar semelhante como o povo ouvinte fez, isto é, ter nossos próprios Jogos a cada quatro anos. Para esse efeito, trabalhamos muito duro para criar uma organização primeiro. Todos os líderes e atletas que estavam em Paris eram de uma mesma opinião: havia a necessidade de celebrar Jogos similares a cada quatro anos e de formar sua própria organização. Assim, o Comitê Internacional do *Silent Sport* (em resumo, o CISS) foi fundado (PI-CHAS, 2012, p. 7).

Na época, as pessoas surdas eram vistas, em muitas sociedades, como intelectualmente inferiores, linguisticamente pobres e, muitas vezes, eram tratadas como párias. A intenção do idealizador Eugène Rubens-Alcais e de seu colaborador, o jovem surdo belga Antoine Dresse, com a realização de um evento esportivo internacional, era mostrar que os surdos eram pessoas capazes de praticar esportes, e, de tal modo, contribuir para romper com o modo como eram vistos pelos outros. Cabe aqui escrever um pouco sobre Eugène, para que se entenda a importância do mesmo. Eugène Rubens-Alcais (1884-1963) era mecânico de profissão e um ciclista competitivo, que veio a ser reconhecido como a versão surda do Barão de Coubertin, pai dos Jogos Olímpicos modernos. Para além de desenvolver a sua versão de jogos surdos, modelado a partir dos Jogos Olímpicos modernos, também criou o *Paris Sports Club for Deaf Mutes* (Clube Esportivo de Paris para Surdos Mudos) e o *Deaf Mute Sports Federation* (Federação Esportiva Surdo-Mudo), hoje chamada *French Deaf*

⁹ Em algumas fontes é referida como Organização Mundial de Esportes para Surdos, entidade fundada por volta de 1922, com a finalidade de promover a prática esportiva para competidores com surdez (AUGUSTO; BRANCATTI, 2010).

Sports Federation (Federação de Esportes Surdos Francesa). Ele também idealizou a revista de esportes *The Silent Sportsman* (O Desportista Silencioso) (PIONEERS AND LEADERS, [?]).

Imagem 7 – Lápide do Dr. E. Rubens-Alcais



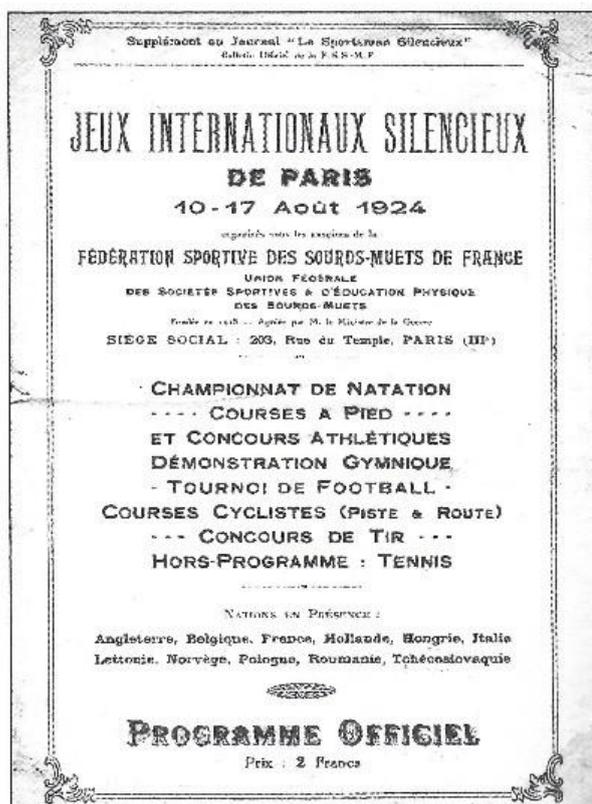
Fonte: Imagem encontrada no *site* do *European Deaf Sport Organization*

A primeira edição das Surdolimpíadas ocorreu no mesmo ano e cidade da oitava edição dos Jogos Olímpicos, em 1924, na cidade de Paris (França). Todavia, as Surdolimpíadas foram realizadas no período de dez a 17 de agosto, com duração de sete dias, e os Jogos Olímpicos no período de quatro de maio até 27 de julho, com duração de 83 dias. As Surdolimpíadas contaram com a participação de 148 atletas surdos, procedentes de nove países europeus, a saber: França, Bélgica, Grã-bretanha, Holanda, Hungria, Itália, Polônia, Romênia e Tchecoslováquia (WINNICK, 2004). Ressalta-se que dos países mencionados acima, apenas a Holanda não tinha participado dos Jogos Olímpicos de 1924. Apesar das Surdolimpíadas representarem um pequeno evento diante dos Jogos Olímpicos, importa destacar que, desde então, houve não apenas um crescimento do evento esportivo, mas a sua consolidação no calendário esportivo internacional.

Na ocasião da Surdolimpíada de 1924, os líderes esportivos surdos dos países que participaram do evento se reuniram para fundar o *Le Comité International des Sports Silencieux* (CISS), ou, em língua portuguesa, Comitê Internacional de Esportes Silenciosos. Uma das finalidades dessa entidade era manter os Jogos Internacionais Silenciosos de quatro em quatro anos, assim como ocorria com os Jogos Olímpicos.

Após dois anos da primeira Surdolimpíada, em outubro de 1926, na cidade de Bruxelas (Bélgica), o CISS alterou seu estatuto, registrando o nome do evento esportivo como “Jogos Internacionais para Surdos” ou “Jogos Internacionais Silenciosos”, conforme nomenclatura utilizada no programa dos jogos de 1924, registrado abaixo.

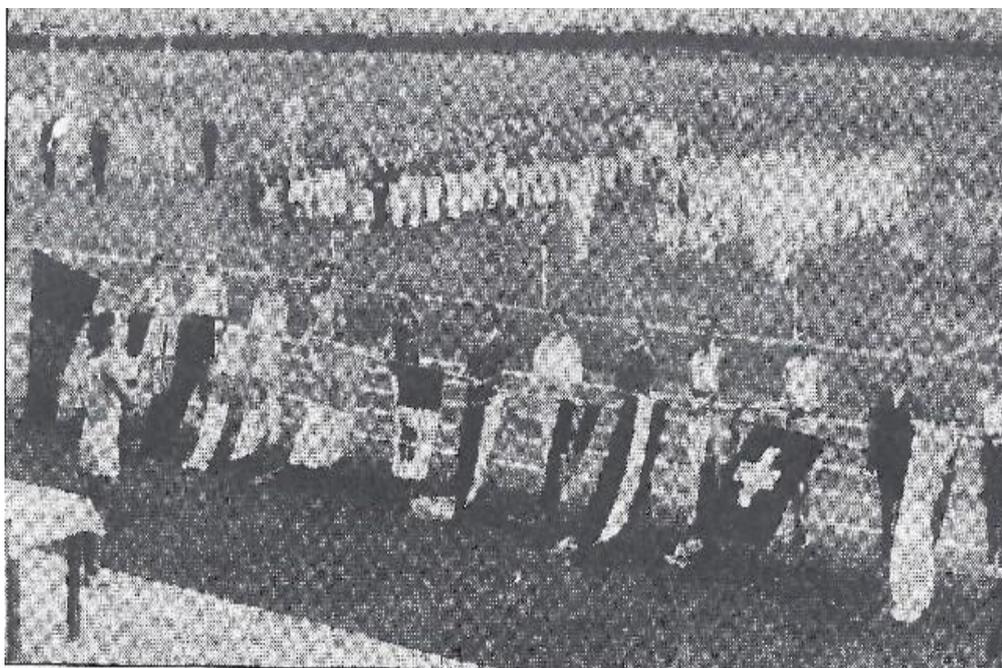
Imagem 8 – Cópia do Programa Oficial da primeira Surdolimpíada



Fonte: PINCHAS, 2015.

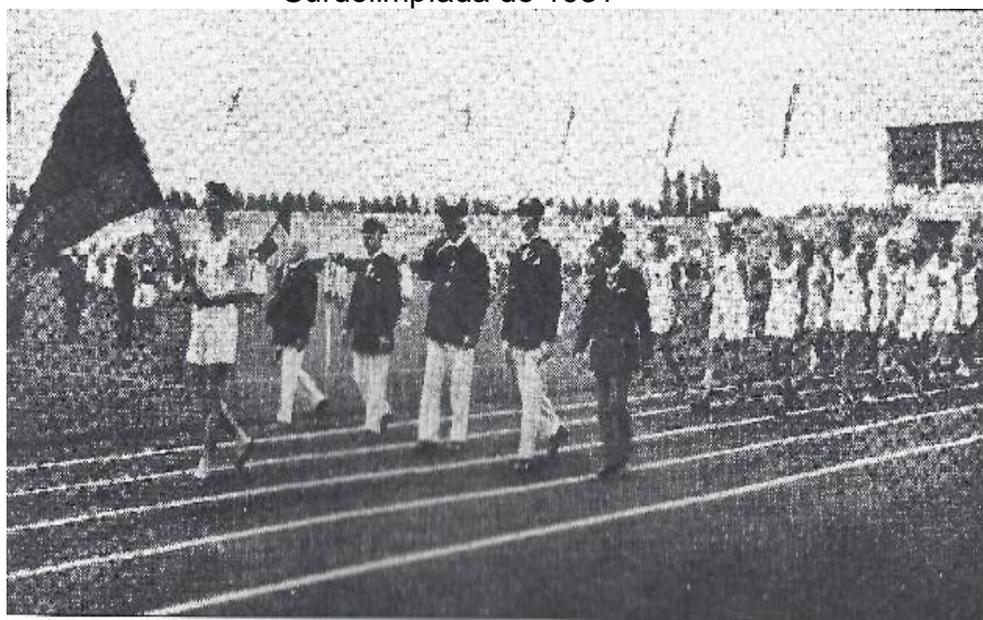
O Japão foi o primeiro país asiático a integrar o CISS, em 1935, e, no mesmo ano, os Estados Unidos configuraram como o primeiro país da América do Norte. Dessa forma, os “Jogos Internacionais Silenciosos” se fortaleceram, apresentando, na edição de 1939, em Estocolmo (Suécia), um aumento expressivo de participantes, contabilizando 264 atletas de 13 países. Além disso, a presença do príncipe sueco Gustav-Adolf na cerimônia de abertura significou um marco para o reconhecimento e a valorização do evento esportivo.

Imagem 9 – Cerimônia de abertura da Surdolimpíada de 1931



Fonte: PINCHAS, 2015.

Imagem 10 – Desfile das delegações na cerimônia de abertura da Surdolimpíada de 1931

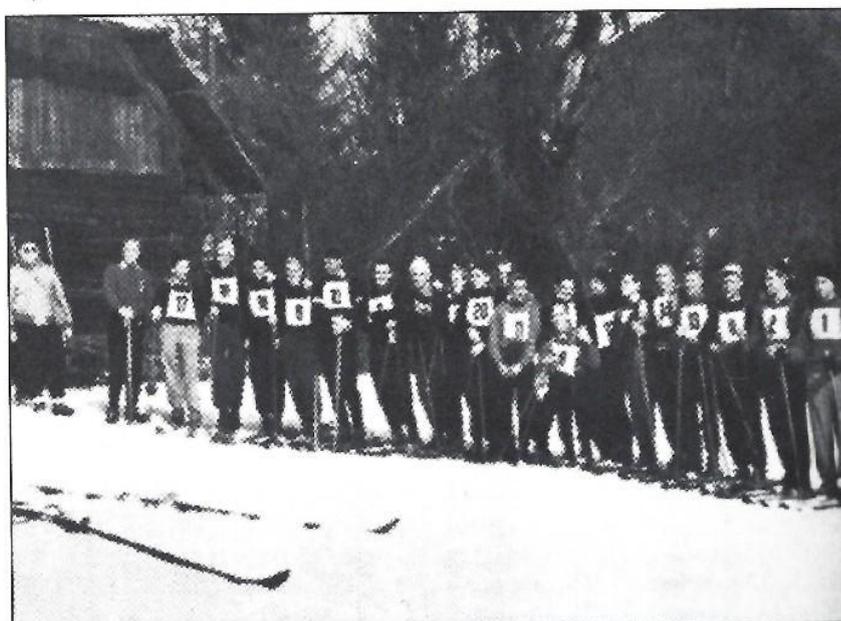


Fonte: PINCHAS, 2015.

As Surdolimpíadas continuaram a ocorrer de quatro em quatro anos, sendo canceladas apenas em 1943 devido aos conflitos da Segunda Guerra Mundial (1939-

1945). No entanto, logo após o fim da guerra, no ano de 1945, nos Estados Unidos, foi fundada a *American Athletic Association for the Deaf* (Associação Atlética Americana para os Surdos) com o intuito de oferecer, sancionar e promover oportunidades de competição esportiva a norte-americanos (WINNICK, 2004). Tal iniciativa, contribuiu para a retomada das Surdolimpíadas de Verão, bem como, para a realização dos primeiros Jogos de Inverno para Surdos, na cidade de Seefeld (Áustria), em 1949, com a participação de cinco países e um total de 33 atletas.

Imagem 11 – Participantes da primeira Surdolimpíada de Inverno



Fonte: PINCHAS, 2015.

Imagem 12 – Mr. Heinz Prohazka, organizador da primeira Surdolimpíada de Inverno



Fonte: PINCHAS, 2015.

Os Jogos de Inverno para surdos, juntamente com as Surdolimpiadas de Verão, conferiram mais visibilidade aos surdos de diversos países e, provavelmente, impulsionaram a organização da Federação Mundial de Surdos (FMS)¹⁰ em Roma (Itália) no ano de 1951. Lembramos que a Itália está entre os países que participou da primeira edição das Surdolimpiadas, em Paris. Em 2017, o Brasil teve seu primeiro representante na categoria *Snowboard* (Imagem 13).

Imagem 13 - Cartaz de divulgação da representação brasileira na Surdolimpíada de Inverno



Fonte: Imagem encontrada no *site* da CBDS.

A admissão do CISS, órgão que organiza internacionalmente o esporte de surdos, pelo Comitê Olímpico Internacional, em 1955, possivelmente favoreceu o interesse da Argentina, do Chile e do Uruguai em vincular-se ao CISS, em 1957. Esses foram os primeiros países membros sul-americanos a se filiar ao órgão e, na década seguinte, em 1965, o Brasil também passou a integrar o CISS¹¹. Percebe-se que o número de países filiados cresceu com o passar dos anos. Ainda nesse período, a Austrália e a Nova Zelândia filiaram-se ao CISS, sendo os primeiros países membros da Oceania.

É possível perceber que na década de 1960, com o ingresso de vários países no CISS, as Surdolimpiadas também ampliaram seus horizontes, ocorrendo pela

¹⁰ A FMS está ligada a ONU e a UNESCO e, atualmente conta com 108 países associados.

¹¹ Embora filiado desde 1965, somente em 1993 o Brasil enviou atletas surdos para as Surdolimpiadas.

primeira vez fora da Europa, na cidade de Washington DC (Estados Unidos). No ano seguinte ao evento esportivo mundial para os surdos, em 1966, o CISS foi premiado com a Taça Olímpica pelo Comitê Olímpico Internacional por seus serviços ao esporte. O reconhecimento da entidade foi celebrado, anos depois, em 1974, quando completou o aniversário de 50 anos de sua fundação, na cidade de Paris (França), e foi criado o Museu do CISS na cidade de Roma (Itália). Já no ano seguinte, a África do Sul também se juntou ao CISS, em 1975, configurando com primeiro membro africano da entidade.

Imagem 14 – Cerimônia de abertura de 1961



Fonte: PINCHAS, 2015.

O número de países participantes da Surdolimpíada de 1981, realizadas na cidade de Colônia (Alemanha), foi muito expressivo em relação aos anos anteriores. Outro episódio marcante foi a presença, pela primeira vez, de um presidente do COI, na época, Juan Antonio Samaranch. Além disso, outra mudança nessa edição foi a adoção da língua inglesa como língua oficial de correspondência. Todavia, o nome da entidade foi mantido, Comitê Internacional de Esportes para Surdos, visando preservar a memória de origem.

As Surdolimpíadas, mesmo reconhecidas pelo Comitê Olímpico Internacional, continuaram a serem editadas durante décadas sem a ajuda financeira dessa entidade. Somente em 1985, a bandeira do COI aparece posicionada ao lado da bandeira que

representa o CISS, tanto nas Surdolimpíadas de Verão quanto nas de Inverno. Esse envolvimento mais direto do COI repercutiu de diferentes formas no cenário esportivo dos surdos, destacando-se a importância do esporte surdo.

No começo da década de 1990, houve um grande conflito nos Comitês Olímpicos de vários países relacionados às Surdolimpíadas e aos surdoatletas. Muitas das organizações nacionais esportivas de surdos, que antes tinham vínculos diretos e harmoniosos com seu Comitê Olímpico nacional, perderam estas ligações. Foram forçadas a unirem-se a uma organização esportiva nacional de pessoas com deficiência, perdendo sua autonomia e grande parte do seu financiamento. Alguns surdoatletas não tiveram permissão para participar das Surdolimpíadas e foram orientados a disputar competições nos Jogos Paralímpicos, embora não houvesse competições para surdos nesse evento.

Nesse contexto, as tentativas para que o Comitê Paralímpico Internacional intervisse e ajudasse a resolver os conflitos foram infrutíferas. No Congresso do CISS, de 1993, em Sofia (Bulgária), os delegados instruíram o comitê executivo a apreciar as consequências da participação de atletas surdos nos Jogos Paralímpicos e nas Surdolimpíadas. Com relação a primeira opção, o CISS solicitou ao Comitê Paralímpico Internacional uma análise de como seria a participação de surdoatletas nos Jogos Paralímpicos em relação ao número de atletas, os tipos de eventos, o fornecimento de intérpretes e controle das competições. E, no que diz respeito a segunda opção, o CISS pediu ao Comitê Olímpico Internacional orientações sobre as consequências caso o CISS abdicasse do Comitê Paralímpico Internacional e continuasse reconhecendo as Surdolimpíadas.

A resposta às duas opções deveria ser entregue, dois anos depois, em 1995, no Congresso do CISS, contudo o Comitê Paralímpico Internacional não respondeu formalmente. Em particular, deixaram claro que a adesão valorizaria CISS, mas que a participação de atletas surdos nos Jogos Paralímpicos teria de ser negociada mais tarde. Apontou-se a necessidade de eliminar algumas modalidades esportivas, devido à incapacidade dos Jogos Paralímpicos de acomodar o número crescente de surdoatletas. A redução no número de modalidades esportivas também prejudicaria os atletas com outras deficiências. Os Jogos Paralímpicos já enfrentavam dificuldades quanto ao número de competidores, enquanto que as Surdolimpíadas, geralmente, atraíam um número reduzido de surdoatletas.

Outro impasse assinalado foi a exigência de comunicação dos surdoatletas por meio de intérpretes da língua de sinais, gerando alto custo à presença de tais profissionais. Nas Surdolimpíadas, os surdoatletas são capazes de competir e interagir entre si livremente, sem a necessidade de intérpretes de língua de sinais. Se fossem competir nos Jogos Paralímpicos, seria necessário um grande número de intérpretes de língua de sinais para evitar as barreiras de comunicação.

O impasse não foi resolvido e o Comitê Olímpico Internacional, por sua parte, afirmou que se o CISS quisesse deixar o Comitê Paralímpico Internacional, poderia fazê-lo, pois iria continuar a reconhecer o CISS e as Surdolimpíadas. Os delegados do CISS votaram então pela opção de se retirar do Comitê Paralímpico Internacional e se manteve o reconhecimento e apoio do COI. Desse modo, nos anos seguintes, as Surdolimpíadas continuaram ocorrendo, congregando diversos países, mas com uma novidade, a introdução de testes de *doping* para os atletas¹².

Na década seguinte, o CISS apresentou seu logotipo, desenhado em 2003 pelo design gráfico Ralph Fernandez. É um símbolo positivo e poderoso da comunidade internacional de esportes surdos, que une elementos fortes: linguagem gestual, surdo e culturas internacionais, unidade e continuidade. Abaixo encontra-se a imagem do logotipo.

Imagem 15 – Logotipo do ICSB



Fonte: Imagem encontrada no *site* da CBDS.

¹² No ano de 2006, o CISS em conformidade com a WADA adotou o código signatário.

As formas de mão, "ok", "bom" e "excelente" que se sobrepõem umas às outras em um círculo, representam o sinal original para Surdolimpíadas. Juntas, as formas de mão representam o sinal "unido". O centro do logotipo representa a íris do olho, que define as pessoas surdas como pessoas visuais; eles devem usar seus olhos para se comunicar. O logotipo incorpora as quatro cores das bandeiras nacionais do mundo. O vermelho, azul, amarelo e verde representam as quatro confederações regionais: a Confederação de Esportes Saudáveis da Ásia-Pacífico, a Organização Europeia de Deficiência Sadia, a Organização Pan-Americana de Deficiência Sadia e a Confederação de Esportes Africanos de Surdos. Para além do logotipo das Surdolimpíadas, no ano de 2005¹³, na edição do evento em Melbourne, Austrália, houve a apresentação do primeiro mascote das Surdolimpíadas. Desde então, novos mascotes foram idealizados a cada edição do evento. Os mascotes procuram enfatizar as cores adotadas no logotipo, criando uma identificação do símbolo com elementos da cultura do país sede das Surdolimpíadas.

Imagem 16 – Primeiro mascote das Surdolimpíadas (2005)



Fonte: PINCHAS, 2015.

A criação dessas representações culturais, de forma semelhante ao que já ocorria nos Jogos Olímpicos e Jogos Paralímpicos, contribuiu para difundir uma ideia de aproximação das Surdolimpíadas a esses megaeventos e assim mais visibilidade,

¹³ Nesse ano, Donalda Kay Ammons (2003-2009) foi a primeira mulher eleita presidente da CISS. Era uma educadora americana e professora da Universidade Gallaudet, em Washington DC. Foi nomeada presidente interina após a morte prematura de John M. Lovett. Vale ressaltar, que até os dias atuais nem o COI e nem o IPC tiveram uma mulher ocupando o cargo de presidente.

reconhecimento e investimentos para a realização do evento. Ressalta-se que, diferentemente dos Jogos Olímpicos e dos Jogos Paralímpicos, os botons e os logos nas Surdolimpíadas, podem ser utilizados pelas equipes e não são comercializados para utilização específica do país sede. Deste modo, as Surdolimpíadas não tem esse canal para angariar fundos, ficando mais dependente de outros investimentos.

É possível evidenciar que no século XXI, em razão das práticas e representações culturais mencionadas acima, assinala-se uma nova fase das Surdolimpíadas. Cabe lembrar que em meados da década de 1990 foi acordado entre o CISS¹⁴, o Comitê Paralímpico Internacional (CPI) e o Comitê Olímpico INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. Olympic Agenda 2020 (COI), que os atletas surdos não seriam incluídos nos Jogos Paralímpicos e se manteria as Surdolimpíadas. Todavia, esse posicionamento não tinha registro já que as entidades (CPI e COI) não enviaram resposta por escrito no Congresso do CISS de 1995, conforme negociado. Em razão dos conflitos mencionados e buscando seu fortalecimento o CISS assinou um acordo de cooperação com a Federação Mundial de Surdos (WFD) em 2013. Nessa época, o CISS já contava com 109 países filiados.

Após 15 anos, o COI e o CISS assinaram o *Memorandum of Understanding* (MoU), ou, Memorando de Entendimento, em oito de março de 2016, na sede do COI em Lausanne (Suíça), reafirmando que a comunidade surda mundial permanecesse realizando os seus próprios jogos, as Surdolimpíadas de Verão e de Inverno¹⁵, a cada quatro anos. Tal memorando, foi assinado pelo presidente do COI, Thomas Bach, e do CISS, Valery Nikitich Rukhledev, na sequência da Recomendação 7 da Agenda Olímpica 2020, cujo objetivo é o fortalecimento das relações com "com organizações de gestão de desporto para pessoas com diferentes capacidades, com vista à exploração de sinergias em todas possíveis áreas, incluindo assistência técnica, ações de comunicação e promoção de eventos através do Canal Olímpico" (INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. Olympic Agenda 2020, 2016).

Em conjunto, COI e CISS, trabalham a fim de complementar o MoU, fornecendo apoio a surdoatletas através da plataforma *Athlete Learning Gateway e Hub* de Atletas Olímpicos, e um modelo de implementação para o Código Movimento Olímpico para a

¹⁴ Em 2009, a entidade contava com 104 países filiados.

¹⁵ A primeira edição das Surdolimpíadas de Inverno é datada do ano de 1949. Desde então houve um crescimento expressivo na quantidade de países e atletas participantes. Na 18ª Surdolimpíada de Inverno em Khanty-Mansiysk/Magnitogorsk, na Rússia (2015), contabilizou-se 336 atletas de 27 países.

Prevenção da Manipulação de Competições. "Este acordo com o Comitê Internacional de Esportes para Surdos é mais um passo na implementação do nosso programa de reformas, a Agenda Olímpica de 2020", disse o presidente Bach. "Trabalhar com atletas de todas as habilidades e ajudando a proporcionar oportunidades para que todos possam se beneficiar do esporte, é uma parte fundamental dos valores olímpicos" (MEYLAN, 2017).

As Surdolimpíadas se distinguem de todos os outros jogos pelo fato de que eles são organizados e executados exclusivamente por membros da comunidade surda. Apenas as pessoas surdas são elegíveis para servir no conselho do CISS e nos órgãos executivos. Este diferencial, entre outros, favoreceram para que as Surdolimpíadas se tornassem um espaço para que os países deliberassem sobre assuntos relacionados às pessoas surdas. Ao longo dos anos, o evento esportivo contribuiu de forma expressiva para difundir deliberações sobre semelhanças e diferenças no bem-estar dos surdos em novas áreas para além do campo esportivo. À medida que mais pessoas e países participam do evento, muitos dos equívocos sobre as pessoas surdas são reduzidos e nota-se gradual avanço contra o preconceito.

Nos dias atuais, 108 federações nacionais integram o CISS, assinalando uma grande diferença numérica em relação aos nove países pioneiros. Dentre os países mais recentes que compõe o CISS, estão a Costa do Marfim, Bósnia, Herzegovina, Lêmen, Iraque, Jordânia, Quirguistão, Serra Leoa e Seychelles. Em 2017, a Turquia sediou a Surdolimpíada, sendo o primeiro país a construir uma vila olímpica para o evento, fato que entre tantos benéficos promoverá mais integração entre os surdo atletas de diversos países.

O surdo atleta, para participar da Surdolimpíadas, tem que comprovar sua surdez e disputar as competições sem utilizar nenhum material artificial (prótese auditiva, implante coclear e outros). De tal modo, sem a utilização de artifícios tecnológicos¹⁶, sucede a igualdade entre os competidores. Para participar das Surdolimpíadas, os atletas devem ter perdido 55 decibéis no seu "ouvido melhor". Aparelhos auditivos, implantes cocleares e qualquer objeto do tipo não tem seu uso permitido na competição, visando deixar todos os atletas no mesmo nível.

Vale mencionar, que se o surdo atleta disputasse os Jogos Olímpicos, não haveria igualdade de condições, pois sem a prótese ou implante, não poderia "ouvir"

¹⁶ Entende-se por artifícios tecnológicos qualquer instrumento artificial que amplie os restos auditivos se o atleta tiver.

as orientações e/ou combinações. E, se usasse os aparelhos, esses poderiam captar muito barulho e perturbar sua concentração. Já nos Jogos Paralímpicos, se faria necessário o artifício tecnológico para concorrer, mas não em igualdade, pois alguns atletas paraolímpicos tem audição perfeita.

Não há esportes adaptados para os atletas surdos. Todavia, nas competições, ocorrem adaptações como a substituição da sinalização auditiva por sinais visuais. Outro exemplo de adequação diz respeito ao árbitro, que ao invés de soprar um apito, usa uma bandeira vermelha. No caso da natação e do atletismo, o árbitro usa um *flash* vermelho no lugar da pistola. Nos esportes coletivos, e em alguns esportes individuais, a perda auditiva pode trazer algumas dificuldades ao surdoatleta ao competir com ouvintes. No entanto, isso desaparece nas competições de surdos, nas quais os esportes e as suas regras são idênticas as de atletas sem surdez.

Assim como é observado com relação aos Jogos Olímpicos e Jogos Paralímpicos, as Surdolimpíadas, no decorrer do tempo, foram se ajustando à realidade dos surdos. A evolução do movimento olímpico surdo e o crescimento no número de países participantes, também fomentaram adaptações nas Surdolimpíadas. Alguns destes ajustes ocorreram com a introdução de novas modalidades no evento e com a participação de mais atletas nas competições.

4.2 ESPORTES SURDOS NO BRASIL: DOS PRIMEIROS VESTÍGIOS AO TEMPO PRESENTE

No Brasil, as práticas esportivas institucionalizadas para surdos iniciaram no Grêmio Esportivo do Instituto Nacional de Ensino dos Surdos (INES). Esta foi a primeira entidade fundada no país, no Rio de Janeiro, em 1930, para atender exclusivamente alunos surdos. Durante muitos anos foi a única escola de surdos, congregando um número expressivo de surdos, oriundos de diversas cidades do Brasil.

A organização do Grêmio Esportivo no INES foi uma iniciativa importante para o processo de integração social dos alunos. Além de adaptar ou elaborar as regras dos esportes, visando a prática pelos surdos, também organizava competições internas, das quais a maioria dos alunos participavam. As competições esportivas eram eventos de confraternização e integração entre surdos.

Quando concluíam seus estudos no INES e retornavam as suas cidades de falta dos eventos esportivos e sociais promovidos pelo Grêmio Esportivo. Impelidos pelo desejo de retomar e ampliar as possibilidades de convivência entre surdos, fundaram associações nas suas localidades (MONTEIRO, 2006). De tal modo, na década de 1950 foram criadas associações de surdos, com a finalidade de congregar os surdos para socializarem, sentirem-se valorizados, reivindicarem seus direitos e praticarem esportes.

No princípio, as associações de surdos funcionavam como espaços de recreação e lazer, mas, com o passar do tempo, tornaram-se importantes pontos de articulação política e de prática esportiva. Tais espaços oportunizaram aos surdos descobrirem-se como sujeitos de direitos, dentre esses, o direito à prática esportiva. De acordo com Rangel (2004), através de encontros visando disputas esportivas, o surdo pode trocar informações e ideias com maior facilidade, debatendo algumas situações existentes em suas cidades de origem.

Entretanto, nos anos 1950, ainda não havia uma entidade nacional organizadora das competições esportivas. Na época, os surdos viviam uma fase de articulações sociais e políticas, fundando associações que serviam de sedes para encontros e práticas esportivas, acompanhando o momento nacional de fomento a essas práticas. Vale mencionar que isto sucedeu no governo do presidente Getúlio Vargas, quando foi criado o Conselho Nacional de Desportos (CND), no princípio da década de 1940.

Muitos surdos começaram a desenvolver suas habilidades esportivas e a se dedicarem aos cuidados com a sua saúde em associações, denotando o esporte como um dos meios de inclusão social. A prática esportiva nas associações se consolidou com o passar dos anos e suscitou a necessidade de se organizar uma entidade dedicada apenas aos esportes dos surdos. Assim, no dia 17 de novembro de 1984, no auditório do INES, foi fundada a Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS).

A CBDS garantiu aos surdos o direito a espaço no universo esportivo, mas, em um nicho cultural peculiar, marcado pela comunicação majoritariamente em LIBRAS e com adaptações pertinentes de sinalizações de arbitragem e afins. Desde a sua fundação, a entidade busca desenvolver ações que dinamizem o campo esportivo. Contudo, esta não é uma tarefa fácil. Quando ocorriam eventos esportivos, eram

voltados para o futebol (CBDS, 2013).

Após dois anos de sua fundação, a CBDS organizou a primeira seleção brasileira de futebol de campo para surdos que participou do I Campeonato Sul-Americano de Futebol, na cidade de Buenos Aires, Argentina, em 1986. Abaixo, segue a fotografia da seleção.

Imagem 17 – Seleção Brasileira de Futebol de Campo, em 1986



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

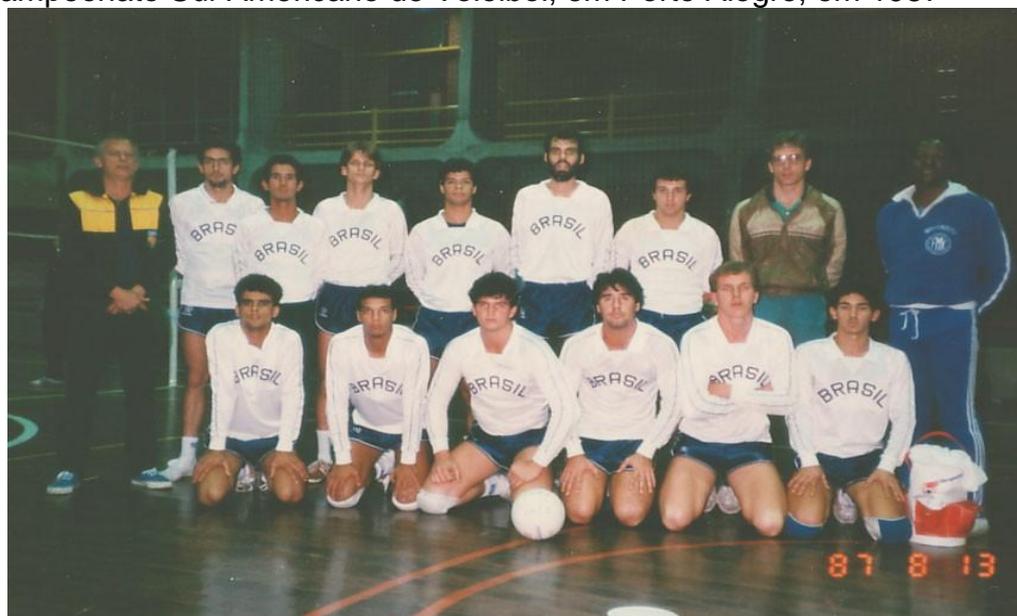
Em 1987, a CBDS apoiou a realização do I Campeonato Sul-Americano de Voleibol para surdos, na cidade de Porto Alegre (RS). A equipe feminina do Brasil conquistou o primeiro lugar na competição. Ainda no ano de 1987, a CBDS organizou a primeira seleção brasileira masculina de basquetebol que participou do I Campeonato Sul-Americano de Basquetebol, na cidade de Paraná, Argentina, em 1987. As imagens abaixo apresentam as equipes brasileiras que participaram destes eventos esportivos.

Imagem 18 – Primeira Seleção Brasileira Feminina de Voleibol no primeiro campeonato Sul- Americano de Voleibol, em Porto Alegre, em 1987



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Imagem 19 – Seleção Brasileira Masculina de Voleibol no primeiro campeonato Sul-Americano de Voleibol, em Porto Alegre, em 1987



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Imagem 20 – Primeira Seleção Brasileira de Basquetebol, que participou do I Campeonato Sul-Americano de Basquetebol, em 1987



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Nesta época eu estava como atleta, participante ativo desta história. Na imagem 19 no campeonato de futebol, com alegria estampada no rosto, representei minha comunidade (Em pé da esquerda para a direita, o terceiro jogador de camisa branca). E no mesmo ano na Argentina representei o Brasil e a comunidade surda no basquete. (acocorado segurando a bola de basquete).

Outro esporte, que contou com a iniciativa da CBDS para a organização de uma equipe foi o tênis de mesa. Em 1988, o Brasil enviou uma representação de atletas surdos para o Campeonato Sul-Americano de Tênis de Mesa. Inclusive os atletas brasileiros conquistaram a primeira colocação. E, no ano seguinte, em 1989, os atletas brasileiros conquistaram o primeiro lugar no Campeonato Sul-Americano de Futebol Masculino. As informações referidas anteriormente evidenciam o crescimento da participação brasileira em competições esportivas internacionais para surdos na década de 1980.

A participação de atletas surdos em competições sul-americanas foi incrementada na década de 1990. Houve a conquista do primeiro lugar em vários esportes, a saber: voleibol feminino, tênis de mesa, atletismo, futebol masculino. Neste período, Mario Júlio Pimentel¹⁷ era o presidente da CBDS e foi apontado como um dos grandes responsáveis pela consolidação da entidade no meio esportivo. Este cenário

¹⁷ Surdo, formado em engenharia civil, ex-presidente da Associação dos Surdos de São Paulo e da Confederação Brasileira de Desportos de Surdos.

mostra o crescimento gradual do esporte para surdos no país. Provavelmente, essas condições favoreceram a organização, anos depois, de um grande evento pela CBDS, quando era presidente José Tadeu Rocha. Em maio de 2002 foi realizada a I Olimpíada de Surdos do Brasil, na cidade de Passo Fundo.

A competição contou com a participação de 29 delegações, oriundas de nove estados brasileiros, e a presença de cerca de 1.500 atletas. O evento teve algumas semelhanças com os Jogos Olímpicos como, por exemplo, a cerimônia de abertura com desfile das delegações, hasteamento das bandeiras e Hino Nacional em Língua de Sinais. As competições, disputadas tanto pela categoria feminina quanto masculina, privilegiaram onze esportes, a saber: atletismo, basquetebol, ciclismo, futebol de salão, handebol, natação, tênis de campo, tênis de mesa, voleibol, vôlei de praia e xadrez.

Nos anos seguintes, houve um intenso crescimento no número de associações por todo o país e, conseqüentemente, no número de competições locais, regionais e nacionais. Além de apoiar essas competições, a CBDS esteve presente em várias competições internacionais como, por exemplo, o Campeonato Mundial de Natação dos Surdos realizado em 2011, em Coimbra, Portugal, no qual foram conquistadas medalhas. O atleta Guilherme Maia Kabbach obteve ótimos resultados no campeonato, obtendo medalha de prata nos 200 metros livre (1min56s17) e bronze nos 200 metros borboleta (2min10s72).

Guilherme, que nasceu com apenas 2% da capacidade auditiva, começou jovem na natação e na época da conquista das medalhas treinava na Unique1 Academia, em Santos (SP), com a orientação do técnico Thiago Faria. Ele realizou um feito inédito para o Brasil na natação dos surdos, pois foi a primeira vez que participou dessa competição, reconhecida pela Federação Internacional de Natação (FINA), que reuniu 230 atletas surdos, de 36 países. Sobre sua participação no evento, o atleta afirmou: “Minha vida é a água. Estou bem feliz de estar no Mundial e conquistar esses resultados. Espero que isso ajude a divulgar o esporte, atraia mais atletas” (CAMPOS, 2011). Vale mencionar que Guilherme já havia participado da Surdolimpíada de 2009, em Taipei, na China, onde conquistou o quinto lugar nos 100 metros livres (Guilherme maia FARO..., 2011).

A CBDS organizou dois eventos esportivos internacionais sediados no Brasil: o 5º Jogos Pan-Americanos de Surdos, em 2012, e no ano de 2014, o 1º Jogos Desportivos Sul-Americano de Surdos. A quinta edição dos Jogos Pan-Americanos de

Surdos foi realizada em Praia Grande, no litoral sul de São Paulo, de 12 a 24 de junho de 2012. A competição reuniu esportistas surdos de dez países da América do Sul e foram disputadas sete modalidades: futebol de campo, futsal, basquete, vôleibol, atletismo, natação e ciclismo. O Brasil conquistou 27 medalhas, sendo sete ouros, oito pratas e doze bronzes, ocupando a quinta colocação no quadro de medalhas.

Imagem 21 – Cartaz de divulgação dos Jogos Pan-Americanos de Surdos (2012)



Fonte: Imagem encontrada no *site* da CBDS.

Além dos Jogos Pan-Americanos, dois anos depois o Brasil sediou a primeira edição de Jogos Desportivos Sul-Americano de Surdos. Esse evento foi realizado na cidade de Caxias do Sul, no estado do Rio Grande do Sul, no período de 15 a 23 de novembro de 2014. A competição reuniu atletas surdos de sete países sul americanos, além dos brasileiros, a saber: Argentina, Chile, Colômbia, Equador, Uruguai e Venezuela. Aproximadamente 700 atletas disputaram sete modalidades: atletismo, badminton, basquetebol, ciclismo, futebol de campo, futsal, handebol, judô, karatê, natação, tênis de campo, tênis de mesa, voleibol, vôlei de praia e xadrez. A delegação brasileira foi composta por 170 pessoas. O Brasil conquistou 51 medalhas, sendo 24

ouros, 11 pratas e 16 bronzes, ocupando a primeira colocação no quadro de medalhas. A seguir, imagem da divulgação do evento.

Imagem 22 – Cartaz de divulgação do evento Jogos Desportivos Sul-Americano de Surdos (2014)



Fonte: Imagem encontrada no *site* da CBDS.

A realização desses eventos no Brasil deu visibilidade ao esporte surdo e a oportunidade de mais atletas participarem de competições, tendo em vista a realização no país. A possibilidade de competir já é considerada uma vitória para os atletas surdos. O próprio lema da CBDS reforça esta ideia: “Competir é vencer”.

Além de competir, os atletas surdos brasileiros continuaram conquistando medalhas em muitos eventos internacionais. No Campeonato Mundial de Futsal Feminino para Surdos, realizado em novembro de 2015, na Tailândia, com a participação de seis países (Alemanha, Brasil, Irã, Itália, Noruega, Rússia), o Brasil conquistou o vice- campeonato. O resultado evidencia que o futsal feminino de alto rendimento cresceu no país, do ponto de vista técnico, em relação a edição anterior,

no ano de 2011, quando as atletas brasileiras foram derrotadas pelas russas pelo placar de 23 x 0. Abaixo segue a imagem da equipe que conquistou o vice-campeonato mundial.

Imagem 23 – Equipe feminina de futsal



Fonte: Imagem encontrada no *site* da CBDS.

Para a ex-jogadora e apoiadora da CBDS, Débora Dias, a conquista da medalha de prata equivaleu a uma medalha de ouro. Explica o motivo de tal sentimento, inclusive, pois era atleta da seleção brasileira de futsal em 2011. Lembrou que a seleção feminina vitoriosa no futsal começou a se estruturar melhor em 2011 e, após poucos treinos, foram disputar o campeonato mundial. “Fomos para conhecer. Foi de- pois que começamos o trabalho com a Confederação [CBDS]. Em 2012 ganhamos o Pan-Americano de Surdos e, em 2014, o Sul-Americano” (CBDS, 2011).

Além da conquista do vice-campeonato feminino, com uma atuação elogiada pelo técnico da equipe russa, campeã, a surdoatleta brasileira Stefany Krebs, com 17 anos de idade, natural da cidade de Erechim (RS), foi premiada como a melhor atleta da competição mundial. A próxima imagem registra o momento que a atleta Stefany recebeu o troféu pelo seu destaque individual na competição.

Imagem 24 – Surdoatleta Stefany Krebs



Fonte: Lobasecpelotas.blogspot.com.

A imagem que segue exibe representantes da Confederação Brasileira dos Desportos de Surdos (CBDS), reunidos com integrantes do Ministério do Esporte em Brasília com a finalidade de exibir os resultados positivos conquistados pelas atletas de futsal para surdos. Na ocasião, o presidente da CBDS, Gustavo Perazzolo afirmou: “O nosso trabalho de formiguinha tem dado resultados e não pode ser desfeito. Estamos em busca de mais reconhecimento e visibilidade”.

Imagem 25 – Reunião dos dirigentes da CBDS e do Ministério do Esporte



Fonte: <http://www.esporte.gov.br/> - Gabriel Fialho.

É possível identificar as pessoas na foto, da esquerda para a direita: Cristian Strack (Surdo), Débora Dias (Vice Presidente da CBDS), Gustavo Perazzolo (Presidente CBDS), Sr. George Hilton (Ministro do Esporte), Marcos de Lima (Secretário Executivo do Ministério do Esporte, Carlos Gomes (Deputado Federal) e Simone Moura (Representante Ministério do Esporte).

Os resultados mencionados evidenciam o desenvolvimento do futsal feminino para surdos(as). Conforme o depoimento de Debora Dias, tal avanço na modalidade esportiva está diretamente relacionado com o apoio que as jogadoras receberam do Programa Bolsa Atleta, do Ministério do Esporte. Ela afirma: “Quando começamos a receber a bolsa, mais jovens começaram a se interessar pelo esporte. Tivemos condições de treinar uma vez por mês, durante um ano, com o objetivo de irmos bem no Mundial”. De acordo com o site da CBDS e também com o site do Ministério do Esporte, no ano de 2014, oito atletas de futsal foram contempladas pelo Programa Bolsa Atleta, totalizando um investimento no valor de R\$ 170 mil do governo federal para os esportes surdos.

O resultado positivo do futsal também foi evidenciado em outros esportes. Em 2015, o atleta Guilherme Maia Kabbach, vinculado ao clube Tumiaru de São Vicente, Santos (SP) representou o país no 4º Campeonato Mundial de Natação para/dos Surdos, realizado em *San Antonio*, no Texas, Estados Unidos. Na competição, conquistou três medalhas, a saber: prata nos 200 metros livre (tempo de 1min55s47), prata nos 200 metros borboleta (tempo de 2min10s61) e bronze nos 100 metros livre (tempo de 52s03). Embora não tenha conquistado medalha na prova de 50 metros livre, Guilherme superou o recorde Pan-Americano duas vezes nas eliminatórias e semifinal da prova. Segue imagens do atleta no campeonato mundial de 2015.

Imagem 26 – Guilherme Maia Kabbach



Fonte: guilhermeuchoa.blogspot.com.

Imagem 27 – Guilherme mostrando uma das medalhas conquistadas ao lado do treinador Tiago Almeida



Fonte: surdolimpiadas.wordpress.com.

As conquistas de Guilherme aguçaram a curiosidade da mídia. Foi realizada uma reportagem sobre o nadador, contudo parece que o fato de ser surdo causou mais impacto do que a conquista das medalhas pelo atleta (NADADOR CONQUISTA..., 2015). A mídia também mostrou interesse pelo caso de outra atleta, a jogadora profissional de voleibol da equipe do Osasco, Natália Martins, que nasceu surda, mas utiliza aparelho auditivo.

Em 2016, pela primeira vez, Natália Martins integrou a seleção brasileira de voleibol de surdas, que participou dos Jogos Pan-Americanos nos Estados Unidos. Foi liberada pela direção do Osasco para disputar a competição sem os aparelhos auditivos devido a exigência das regras. Ao ser questionada sobre a sensação de jogar nessa nova condição a atleta afirmou: "Fiquei sem chão. É uma sensação nova" (GUERRA, 2016, s/p). Ainda criança, perdeu mais de 70% da audição dos dois ouvidos e se acostumou a entender os sons com a ajuda de aparelhos auditivos.

Natália Martins é a primeira a jogadora surda de voleibol profissional no Brasil. Integrou por três vezes a seleção brasileira convocada pelo técnico José Roberto Guimarães. Também foi a única atleta profissional da seleção brasileira de voleibol feminino de surdas, pois todas as demais são atletas amadoras. As atletas surdas treinavam nos finais de semana, conforme oportunidade oferecida pelo projeto de inclusão, sendo que algumas já sabiam jogar, enquanto que outras estavam iniciando no esporte.

A atleta Natália Martins referiu que estava feliz com sua primeira experiência de jogar com atletas surdas, pois em outras ocasiões estava disputando a Superliga. Declarou: “Estou muito feliz, sou referência para eles, mostrando que é possível ter uma carreira. É uma oportunidade nova para mim também, porque tenho que jogar sem o aparelho (auditivo), o que não estou acostumada” (GUERRA, 2016, s/p). Natália sempre conviveu com ouvintes, e as demais atletas conviveram mais com surdos, utilizando a língua brasileira de sinais (LIBRAS), sendo que algumas atletas não fazem leitura labial. Mas isso não impediu que ela buscasse formas de comunicação por meio de gestos ou por LIBRAS.

A presença de Natália nos Jogos Pan-Americanos 2016 foi visto por ela como um passo para a inclusão do vôlei para surdos nos Jogos Paralímpico, pois, atualmente, apenas o vôlei sentado faz parte do programa paralímpico. Ela comentou sobre a inclusão dos surdos nas Paralimpíadas: “Os surdos estão em todos os lugares, mas não participam da Paralimpíada. Estamos buscando essa inclusão. É um vôlei bonito de ver também” (GUERRA, 2016, s/p). Nos quadros 1, 2 e 3, apresentamos informações sobre a participação do Brasil em competições esportivas sul-americanas, em jogos Pan-Americanos e em competições esportivas mundiais para surdos.

Quadro 1 - Participação do Brasil em competições esportivas sul-americanas para surdos

Competição	Ano	Cidade	Categoria	Classificação
I Campeonato Sul-Americano de Futebol	1986	Buenos Aires Argentina	Masculino	?
I Campeonato Sul-Americano de Voleibol	1987	Porto Alegre (RS/Brasil)	Masculino e Feminino	2º lugar masculino 1º lugar feminino
I Campeonato Sul-Americano de Basquetebol	1987	Paraná Argentina	Masculino	2º lugar
I Campeonato Sul-Americano de Tênis de Mesa	1988	? ¹⁸	?	1º lugar

¹⁸ Não há referência sobre essas informações.

II Campeonato Sul-Americano de Futebol	1989	?	Masculino	1º lugar
II Campeonato Sul-Americano de Voleibol	1991	Buenos Aires Argentina	Masculino e Feminino	2º lugar masculino 1º lugar feminino
Campeonato Sul-Americano de Tênis de Mesa	1992	?	?	1º lugar
I Campeonato Sul-Americano de Atletismo	1992	?	?	1º lugar
III Campeonato Sul-Americano de Voleibol	1995	Buenos Aires Argentina	Masculino e Feminino	2º lugar masculino 1º lugar feminino
III Campeonato Sul-Americano de Futebol	1995	Buenos Aires Argentina	Masculino	1º lugar
Campeonato Sul-Americano de Futsal	2013	Santiago Chile	Feminino	Campeão

Fonte: Quadro elaborado pelo pesquisador.

Quadro 2 – Participação do Brasil em competições esportivas pan-americanas para surdos

Competição	Ano	Cidade	Esportes	Categoria	Classificação
5º Jogos Pan-Americanos de Surdos	2012	Praia Grande (SP/Brasil)	Voleibol, Basquete, Atletismo e Futsal	Masculino e Feminino	26 medalhas - quinta colocação no quadro de medalhas
Campeonato Pan-Americano de Vôlei de Surdos	2016	Washington EUA	Voleibol	Masculino e Feminino	Medalha de ouro no voleibol masculino e de prata no voleibol feminino

Fonte: Quadro elaborado pelo pesquisador.

Quadro 3 – Participação do Brasil em competições esportivas mundiais para surdos

Competição	Ano	Cidade	Esporte	Categoria	Medalhas
Campeonato Mundial de Natação	2011	Lisboa (Portugal)	Natação	Masculino	Três medalhas
Campeonato Mundial de Artes Marciais	2012	Ilhas de Margarita (Venezuela)	Judô e Karatê	Masculino e Feminino	12 medalhas (Judô e Karatê)
Campeonato Mundial de Natação de Surdos	2015	Texas (EUA)	Natação	Masculino	Três medalhas
Copa do Mundo de Futsal de Surdos	2015	Bangkok (Tailândia)	Futsal	Masculino e Feminino	Vice-Campeão
Campeonato Mundial de Atletismo (maratona)	2016	Sofia (Bulgária)	Atletismo	Masculino	Uma medalha de prata
Campeonato Mundial de Artes Marciais	2016	Samsun (Turquia)	Judô	Masculino	Medalhas de ouro e bronze no Judô

Fonte: Quadro elaborado pelo pesquisador.

Até o ano de 2013, a CBDS contemplava 13 modalidades esportivas, a saber: atletismo, badminton, basquetebol, boliche, futebol, judô, *mountain bike*, natação, tênis de mesa, voleibol, vôlei de praia. No Brasil, são realizadas competições das referidas modalidades esportivas e cada uma possui regras diferentes sobre a participação do surdoatleta. De acordo com o regimento da CBDS (REGULAMENTO..., 2016, p. 1), as competições devem respeitar as seguintes regras:

a) Seletiva: aberto a qualquer surdo que desejar participar, independentemente de ser associado à CBDS ou não. Tem o objetivo de conhecer surdo atletas interessados na modalidade esportiva e descobrir talentos. Não é necessário pagar taxa de anuidade à CBDS, porém os surdoatletas devem entregar a audiometria nacional e o “Termo de Saúde e de Responsabilidade”, ambos nos modelos fornecidos pela CBDS.

b) Treinamento Seletivo: aberto a surdoatletas convidados pela comissão

técnica, tem objetivo de formação e preparação da equipe da Seleção Brasileira. Os surdoatletas deverão ser associados de alguma Associação filiada a uma das Federações quites com a CBDS, devem pagar taxa de anuidade e entregar a audiometria internacional (modelo fornecido pelo CISS) e, também, devem realizar os exames completos: Teste de Esforço/Teste Ergométrico e Laudo ou Atestado Médico informando que está apto para a prática esportiva da modalidade específica da Seleção, na qual o mesmo está participando (validade de 1 ano).

c) Treinamento da Seleção: treino específico para equipe convocada pela comissão técnica com foco na(s) próxima(s) competição(ões) internacional(is). Os surdoatletas deverão estar com toda documentação (vide item b acima) e taxas quites com sua Associação, Federação e CBDS.

d) Jogo amistoso (ou competição amistosa): jogo ou competição com adversário surdo ou ouvinte com objetivo de proporcionar experiência de jogo à equipe/surdoatleta em preparação para as competições oficiais. Os surdo atletas deverão estar com toda documentação (vide item b acima) e taxas quites com sua Associação, Federação e CBDS.

e) Competição oficial: disputas oficiais organizadas por *Confederacion Sudamericana Desportiva de Sordos* (CONSUDES), *Pan American Organization of Sports the deaf* (PANAMDES) e *International Committe Sport for the Deaf* (ICSD). Os surdoatletas deverão estar com toda a documentação (vide item b acima) e taxas quites com sua Associação, Federação e CBDS.

Mesmo com a participação do Brasil e com os atletas vencendo e promovendo o país no cenário esportivo nacional e internacional, pouca atenção por parte do Estado/Federação foi dada ao esporte surdo. Mesmo após as conferências nacionais, que colocaram a discussão sobre o esporte como uma questão do Estado, nenhuma política específica foi implantada no Brasil. Após a realização do III Conselho Nacional do Esporte (CNE), identificou-se que a política pública do esporte estava atrelada a dois grandes projetos: Plano Decenal de Esporte e Lazer II (PDEL) e o Plano Brasil Medalhas 2016 Olímpico e Paraolímpico II. Para Flausino (2013), “apesar de parecerem abrangentes as discussões realizadas em todas as linhas, elas foram direcionadas para o debate em torno dos megaeventos esportivos”. Mas, para o surdo, no Brasil, não há megaeventos. Pelo viés que o surdo não tem como abandonar seu trabalho, sua rotina para dedicar-se só ao esporte, os megaeventos para atletas

surdos, não existe. Há competições mais restritas às modalidades e aos pequenos grupos.

No que diz respeito às Surdolimpíadas, as competições das diferentes modalidades esportivas possuem regras um tanto distintas. No próximo tópico buscamos descrever como é estruturado este evento esportivo para surdos e a participação brasileira no período de 1993 a 2017.

4.3 DELEGAÇÕES BRASILEIRAS NAS SURDOLIMPÍADAS (*DEAFLYMPICS*)

A participação oficial de surdo atletas brasileiros nas Surdolimpíadas teve início na década de 1990, embora desde 1965 o país estivesse filiado à CISS. A primeira vez que o Brasil enviou representantes para a Surdolimpíada foi em 1993, na 17ª edição dos jogos de verão, realizada em Sofia (Bulgária). Por intermédio da CBDS, dois surdoatletas brasileiros foram à competição. Na ocasião, dois nadadores, Alexandro Carvalho Grade e Jiovana Cordeiro, disputaram onze provas de natação, sendo que em três ocuparam a quarta posição na classificação geral.

Imagem 28 – Abertura das Surdolimpíadas em Sofia (1993) na Bulgária



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Na edição seguinte do evento, no ano de 1997, em Copenhague, na Dinamarca, a delegação brasileira contou com a presença de um atleta surdo,

novamente na modalidade de natação: Alexsandro Grade. O número reduzido de atletas nas Sur- dolimpíadas pode estar associado à falta de recursos financeiros para tal empreitada. Em entrevista, concedida ao *Signumweb*, Guilherme Maia Kabbach, surdoatleta da natação com uma trajetória de muitas conquistas em campeonatos nacionais e internacionais¹⁹ relata a insuficiência de incentivos financeiros para os esportes surdos no Brasil:

Precisamos recorrer a rifas e ajudas de amigos. A Nita Alimentos/Moinho Paulista tem me ajudado desde 2013, quando fui para a segunda participação na Surdolimpíada da Bulgária. Gostaria que a imprensa escrita e a TV divulgassem muito mais e também fizessem um apelo para as grandes e pequenas empresas industriais... Para que nos patrocinassem com ajuda financeira, possibilitando investir mais nos equipamentos, nos profissionais que nos cercam e em nós mesmos para dedicação total aos treinos (GUILHERME MAIA KABBACH, 2018).

O relato de Kabbach (2018) parece associar o baixo apoio financeiro, com o qual o esporte surdo costuma contar, aos espaços da mídia que parecem não dar a necessária visibilidade ao assunto. Em consonância, o estudo de Silveira (2008) demonstrou que, quando presentes na mídia, particularmente em matérias de jornais e revistas, os surdos ainda são representados como personagens secundários em detrimento das narrativas em termos dos sujeitos ouvintes. No referido estudo, por exemplo, o tema esporte foi encontrado pela autora (2008) apenas em um episódio no qual dois estudantes surdos, além de uma intérprete e um instrutor, foram chamados para realizar leitura labial de um treinador durante uma partida de futebol. E, uma reportagem, na qual foram entrevistados e fotografados cinco surdos, apontando a sua capacidade de praticar esportes e de realizar outras atividades sociais, “apesar” da surdez.

Nota-se que as poucas notícias veiculadas pela mídia ainda tendem a trazer representações da surdez como deficiência em detrimento de abordagens

¹⁹ Dentre as medalhas conquistadas por Guilherme Maia Kabbach, cita-se: duas medalhas de prata e uma de bronze no Campeonato Mundial de Natação para Surdos em Coimbra, Portugal, em 2011; quatro medalhas de ouro, uma de prata, quatro de bronze no Campeonato Pan-Americano de Surdos, em Praia Grande, São Paulo, em 2012; duas medalhas de bronze e uma de prata na Surdolimpíadas em Sofia, Bulgária, no ano de 2013; 12 medalhas de ouro e três de bronze no Campeonato Sul-Americano de Natação, em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, em 2014; duas medalhas de prata e uma de bronze no Campeonato Mundial de Natação para Surdos em San Antonio, Texas, em 2015; uma medalha de ouro e uma de bronze na Surdolimpíadas, em Samsun, Turquia, em 2017. O referido surdo atleta, também conquistou recordes nos seguintes eventos surdos: Campeonato Pan-Americano de Natação (2012); Campeonato Sul-Americano de Natação (2014); Campeonato Mundial de Natação (2015) e Surdolimpíada (2017).

relacionadas à comunidade e à cultura surda. Vale a ressalva de que nas comunidades surdas, não são estabelecidas distinções entre as pessoas a partir de sua surdez, uma vez que o que define o pertencimento a esta comunidade é o uso da língua de sinais e da cultura surda (PERLIN; STROBEL, 2014). Conforme Perlin e Strobel (2014), isto é o que contribui para a construção de suas identidades.

As identidades dos surdos encontram espaço de construção e manifestação nas Surdolimpíadas. Uma evidência, no tempo presente, que sustenta tal afirmação são as edições do evento do século XXI, nas quais o Brasil ampliou a participação de surdoatletas e de modalidades disputadas. No ano de 2001, na 19ª edição das Surdolimpíadas de Verão, realizada em Roma, na Itália, foram oito atletas brasileiros para disputar provas de natação, tênis e tênis de mesa.

De acordo com o ex-presidente da Federação Desportiva de Surdos do Estado do Rio de Janeiro (FDSERJ), Sérgio Andrade²⁰, a delegação do Brasil que viajou para a 19ª edição das Surdolimpíadas, além dele estava composta por oito atletas e um delegado. Sérgio relembra que foi difícil conseguir financiamento e que a possibilidade surgiu quando um grupo de deputados do Rio de Janeiro disponibilizou recursos para o transporte e a alimentação dos surdoatletas. Este financiamento não era governamental, mas, sim, uma ação particular dos referidos deputados. Na ocasião, a delegação brasileira não dispunha de uniforme e, por isso, os seus integrantes compraram camisetas amarelas e costuraram o emblema da FDSERJ.

Sérgio explicou, ainda, que o Brasil não possuía tradição em competições internacionais surdas. De tal modo, os surdos, representantes do país nas Surdolimpíadas, não eram atletas profissionais porque, apesar de participarem de algumas competições esportivas, trabalhavam em outras funções. Talvez, por isso, os integrantes da delegação ficaram impressionados com a intensa presença da cultura surda, que circunscrevia o contexto da Surdolimpíada em Roma, na Itália:

Quando os surdoatletas chegaram à Itália, encontraram um “mundo surdo”. Mãos sinalizantes. As equipes dos outros países eram enormes, mas tinham já tradição de participação, e alguns eram atletas profissionais surdos. Estavam admirados, pois o Brasil, que tinha tradição no futebol, não tinha um time de surdos no futebol? (ANDRADE, 2018).

²⁰ Sergio Marmora Andrade nasceu completamente surdo, como condição hereditária. Sua mãe, seu pai e alguns tios também são surdos. É funcionário público e morador do Rio de Janeiro, onde nasceu e cresceu. Preside a Federação Desportiva de Surdos do Pará e é professor e pesquisador da UFRJ.

Como o Brasil não possuía tradição no esporte olímpico surdo, tudo o que os atletas vivenciavam era novo e causava admiração e encantamento, especialmente, por nunca terem visto “tantos surdos juntos”. Conforme Pimenta (2017) a comunidade surda configura um grupo linguístico que é movido por intermédio de encontros entre pares, assim, são justamente esses encontros que constituem a referida comunidade. De tal modo, tais encontros contribuem para a preservação da cultura surda e para a afirmação de sua identidade, apoiando-se em “uma série de pressupostos políticos e culturais (e, por isso, históricos) que permitem aos sujeitos surdos novas, e possíveis, representações, significados e categorias sociais” (NAKAGAWA, 2012, p. 25).

Na 20ª edição das Surdolimpíadas de Verão, em Melbourne, na Austrália, em 2005, havia um delegado e dois surdoatletas no vôlei de praia: Alexandre Couto e Alex Sandro Borges. A participação do Brasil teve um declínio na Surdolimpíada de 2005, sendo apontado como um dos fatores a pouca participação dos surdos nas práticas esportivas. Nessa edição, em Melbourne (Austrália), o Brasil só participou do vôlei de praia, com somente dois atletas. No evento anterior foram oito atletas participando. Uma possibilidade da não participação dos atletas é possivelmente o fator econômico. Vale lembrar que no ano de 2005, a economia do Brasil era considerada estável, porém houve o escândalo do denominado “mensalão”, o que desestabilizou a crença na economia brasileira. De tal modo, houve dificuldades com relação aos financiamentos de eventos esportivos, em particular de grupos diferenciados, como os surdos.

Eu, Marco Di Franco (autor desta tese) participei desta edição do evento, em razão de um financiamento efetivado após encaminhar um projeto para o governo do Estado do Rio Grande do Sul e ser contemplado. Esse projeto foi escrito por mim, solicitando o financiamento para participar das Surdolimpíadas. A espera pela resposta foi angustiante, mas recompensadora. Neste ano, já havia uniforme padrão para a delegação brasileira. Porém, cada atleta e dirigente arcava com o custo do seu. Aqueles que não tinham recursos financeiros para comprar seu uniforme recebiam ajuda por meio de rifas e doações. Esse evento foi um marco para a comunidade surda brasileira, apesar de poucos participantes na delegação. Ao chegar à Austrália, na cidade de Melbourne eu fiquei perplexo:

Quando eu estava dentro do estádio foi indescritível. Como porta-bandeira, levava a bandeira do Brasil todo orgulhoso, no estádio todo com surdos, de-

legações uniformizadas de diferentes países da Europa, da América do Norte... Não sabia o que olhava primeiro, mas, uma coisa eu sabia, estava realizando meu sonho: participar das Surdolimpiadas, representando meu país.

Nota-se, neste meu depoimento, um sentimento de pertencimento e, ao mesmo tempo, um reconhecimento interno do seu papel enquanto personagem constituidor das memórias de seu país, e de sua comunidade, nas Surdolimpiadas. Conforme Perlin e Strobel (2014), enquanto estas histórias vão sendo construídas, evidencia-se, também, a composição das lutas pelos direitos e valores dos surdos. Assim, entende-se que os encontros entre os surdos promovem o fortalecimento da comunidade surda, de sua cultura e identidade (PIMENTA, 2017). Ademais, Pimenta (2017) destaca que, por possibilitarem o contato e as trocas com seus pares linguísticos, a maioria dos surdos deseja estar nestes momentos de reunião. Eu participei de todas as surdolimpiadas, das quais guardo grandes recordações.

Imagem 29 – Crachá das surdolimpiadas



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Em 2009, quando a 21ª edição do evento foi realizada na cidade de Taipei, (Taiwan), a delegação brasileira foi composta por 13 surdoatletas e seis dirigentes, conquistando uma medalha de bronze, na modalidade de judô, pelo atleta Alexandre Soares Fernandes, na categoria até 81 quilos. Esta foi à primeira medalha brasileira na modalidade. Além disso, o Brasil enviou representantes para a competição de natação e vôlei de praia, bem como, modalidades até então não disputadas: ciclismo e judô. Na imagem abaixo, o atleta Alexandre S. Fernandes, no podium com a medalha.

Imagem 30 – Alexandre Fernandes (de casaco azul) na Surdolimpíada de 2009



Fonte: Imagem encontrada no *site* da CBDS.

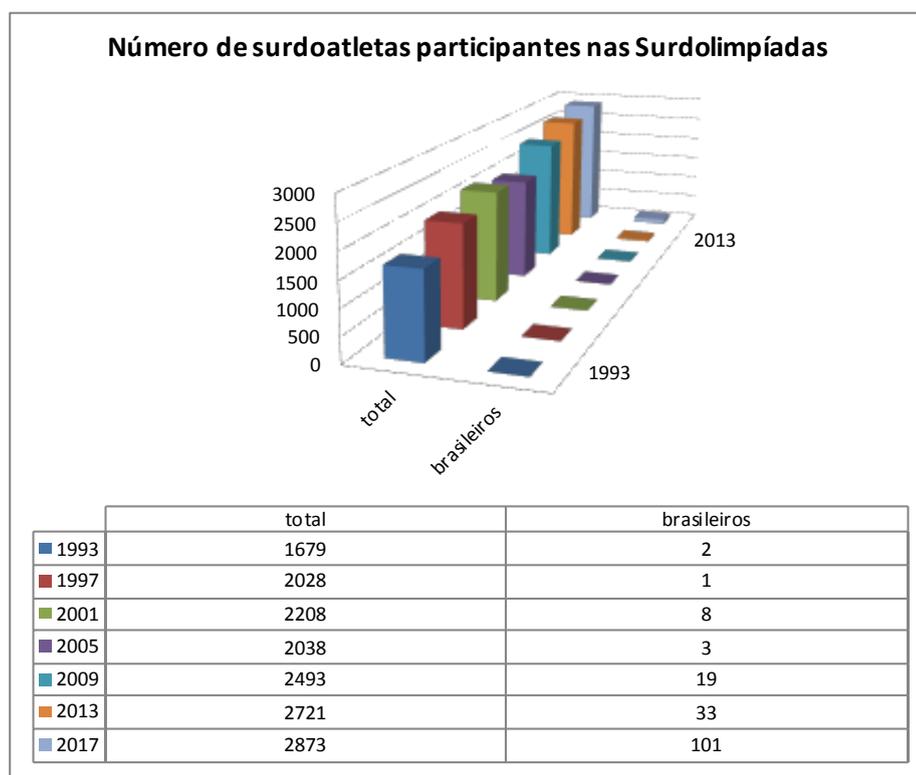
Na Surdolimpíada de 2013, 22^a edição, em Sofia, na Bulgária, o Brasil estreou nas modalidades de karatê e vôlei, e também disputou ciclismo, judô, natação e vôlei de praia. Ressalta-se que melhorou a posição do Brasil no quadro de medalhas, com destaque para uma medalha de prata na natação. A primeira medalha de prata, em 100m livre, foi conquistada pelo atleta Guilherme Maia, que também obteve duas de bronze, sendo uma nos 200m livre e, a outra, nos 200m borboleta. O karatê, que teve pela primeira vez um atleta brasileiro, Heron Rodrigues da Silva, na categoria de +84 quilos, conquistou uma medalha de bronze. Na sequência, uma imagem com atletas brasileiros que participaram da Surdolimpíada de 2013. A seguir, apresenta-se um gráfico quantitativo de atletas participantes das Surdolimpíadas desde 1993 até 2017, seguido do número de atletas brasileiros em cada edição.

Imagem 31 – Atletas participantes das Surdolimpíadas de 2013



Fonte: Imagem encontrada no *site* da CBDS.

Gráfico 1 – Participantes surdoatletas nas Surdolimpíadas (1993-2017)



Fonte: Gráfico elaborado pelo pesquisador.

Heron Rodrigues da Silva, faixa preta de karatê e professor, natural de Pato Branco, Paraná, conquistou a medalha de bronze na Surdolimpíada de 2013, e outra, de bronze, em 2017, na 23ª edição das Surdolimpíadas, realizada em Samsun,

Turquia. Na entrevista realizada pelo site *Signumweb*, o atleta relatou que conseguiu participar das Surdolimpíadas porque tinha bolsa-atleta. O atleta surdo, atualmente com 32 anos, com duas medalhas conquistadas, começou a aparecer mais na mídia.

Na 23ª edição das Surdolimpíadas, o Brasil conquistou cinco medalhas (karatê, judô e futebol feminino, e duas na natação). Foi a primeira medalha de ouro na natação conquistada pelo Brasil em Surdolimpíadas. Mariana Hora, chefe da delegação surdolímpica brasileira, em entrevista, declarou que o propósito da delegação do país em relação ao evento estava sendo cumprido:

Diante da nossa realidade de falta de investimentos financeiros para preparação dos surdoatletas, nosso principal objetivo aqui está sendo atingido: ganhar experiência e mostrar que o Brasil tem capacidade de se desenvolver no desporto de surdos (REIS, 2017).

No quadro a seguir, apresentamos informações sobre as edições das Surdolimpíadas, os países que sediaram o evento, as modalidades disputadas e o número de países que participaram com suas delegações. A partir dos dados coletados, percebeu-se que a participação do Brasil nas Surdolimpíadas teve início tardiamente, quando comparada a outros países.

Quadro 4 – Informações sobre as Surdolimpíadas, da 1ª à 23ª edição

Ano	Local	Nº de atletas	Esportes	Nº de países
1ª Edição 10-17 de agosto de 1924	Paris (França)	148	Atletismo Ciclismo Futebol Mergulho Natação Tênis Tiro	9
2ª Edição 18-26 de agosto de 1928	Amsterdan (Países Baixos)	212	Atletismo Ciclismo Futebol Mergulho Natação Tênis	10
3ª Edição 19-23 de agosto de 1931	Nurnberg (Alemanha)	316	Atletismo Ciclismo Futebol Mergulho Natação Tênis Tiro	14

4ª Edição 17-24 agosto de 1935	Londres (Grã-Bretanha)	221	Atletismo Ciclismo Futebol Mergulho Natação Tênis	12
5ª Edição 24-27 de agosto de 1939	Estocolmo (Suécia)	250	Atletismo Ciclismo Futebol Mergulho Natação Tênis Tiro	13
6ª Edição 12-16 de agosto de 1949	Copenhagen (Dinamarca)	391	Atletismo Ciclismo Futebol Mergulho Natação Polo Aquático Tênis Tiro	14
7ª Edição 15-19 de Agosto de 1953	Bruxelas (Bélgica)	473	Atletismo Basquetebol Ciclismo Futebol Natação Tênis Tiro	16
8ª Edição 25-30 de Agosto de 1957	Milão (Itália)	635	Atletismo Basquetebol Ciclismo Futebol Ginástica Mergulho Natação Polo Aquático Tênis Tênis de Mesa Tiro	25
9ª Edição 6-10 de agosto de 1961	Helsinque (Finlândia)	613	Atletismo Basquetebol Ciclismo Futebol Ginástica Luta livre Mergulho Natação Polo Aquático Tênis Tênis de Mesa Tiro	24

10ª Edição 27 de junho a 3 de julho de 1965	Washington (USA)	687	Atletismo Ciclismo Mergulho Futebol Tiro Natação Tênis Polo aquático Basquete Ginástica Tênis de mesa luta livre	27
11ª Edição 9-16 de agosto de 1969	Belgrado (Iugoslávia)	1.189	Atletismo Ciclismo Mergulho Futebol Tiro Natação Tênis Polo aquático Basquetebol Ginástica Tênis de mesa luta livre Handebol Voleibol	33
12ª Edição 21-28 de julho de 1973	Malmo (Suécia)	1.161	Atletismo Ciclismo Mergulho Futebol Tiro Natação Tênis Basquetebol Tênis De Mesa Luta Livre Handebol Voleibol	31

13ª Edição 17-27 de julho de 1977	Bucareste (Romênia)	1.150	Atletismo Ciclismo Mergulho Futebol Tiro Natação Tênis Polo Aquático Basquetebol Ginástica Tênis de Mesa Luta Livre Handebol Voleibol	32
14ª Edição 23 de julho a 1 de agosto de 1981	Colônia (Alemanha)	1.198	Atletismo Ciclismo Mergulho Futebol Tiro Natação Tênis Polo Aquático Basquetebol Ginástica Tênis de Mesa Luta Livre Handebol Voleibol	32
15ª Edição 10-20 de julho de 1985	Los Angeles (Califórnia)	995	Atletismo Ciclismo Mergulho Futebol Tiro Natação Tênis Polo Aquático Basquetebol Ginástica Tênis de Mesa Luta Livre Handebol Voleibol Badmington	29

16ª Edição 7-17 de janeiro de 1989	Christchurch (Nova Zelândia)	955	Atletismo Ciclismo Mergulho Futebol Tiro Natação Tênis Basquetebol Ginástica Tênis de Mesa Luta Livre Handebol Voleibol Badminton	30
17ª Edição 24 de julho a 2 de agosto de 1993	Sofia (Bulgária)	1.679	Atletismo Ciclismo Mergulho Futebol Tiro Natação Tênis Polo Aquático Basquete Ginástica Tênis De Mesa Luta Livre Handebol Voleibol Badminton	52
18ª Edição 13-26 de 1997	Copenhagen (Dinamarca)	2.028	Atletismo Ciclismo Mergulho Futebol Tiro Natação Tênis Polo Aquático Basquetebol Ginástica Tênis De Mesa Luta Livre Handebol Voleibol Badminton	65

19ª Edição 22 de julho a 1 de agosto de 2001	Roma (Itália)	2.208	Atletismo Ciclismo mergulho Futebol Tiro Natação Tênis Polo Aquático Basquetebol Ginástica Tênis De Mesa Luta Livre Handebol Voleibol Badminton	67
20ª Edição 5-16 de janeiro de 2005	Melbourne (Austrália)	2.038	Atletismo Ciclismo Mergulho Futebol Tiro Natação Tênis Polo Aquático Basquetebol Ginástica Tênis De Mesa Luta Livre Handebol Voleibol Badminton	63
21ª Edição 5-15 de setembro 2009	Taipei (Taiwan)	2.493	Atletismo Ciclismo Mergulho Futebol Tiro Natação Tênis Pólo aquático Basquetebol Ginástica Tênis de mesa Luta livre Handebol Voleibol Badminton	77

22ª Edição 26 de julho a 4 de agosto de 2013	Sofia (Bulgária)	2.711	Atletismo Ciclismo Futebol Tiro Natação Tênis Pólo aquático Basquetebol Ginástica Tênis De Mesa Luta Livre Handebol Voleibol Badminton	83
23ª Edição 18-30 de julho de 2017	Samsun (Turquia)	2.873	Atletismo Ciclismo Futebol Natação Tênis Pólo aquático Basquetebol Ginástica Tênis De Mesa Luta Livre Handebol Voleibol Badminton Tiro ao alvo	101

Fonte: Quadro elaborado pelo pesquisador.

O Brasil vem, a cada Surdolimpíada, ampliando sua participação. Isto se deve em parte ao empenho dos surdoatletas na profissionalização esportiva, porém esse processo ocorre de forma muito lenta, e poucos conseguem sobreviver com o esporte. Faz-se necessário esclarecer que, nas Surdolimpíadas, os atletas se hospedam em hotéis públicos, sendo a alimentação e o transporte itens de responsabilidade pessoal. No entanto, as Surdolimpíadas utilizam os estádios e as instalações existentes no país. As Surdolimpíadas nunca aconteceram no mesmo país em que ocorreram os Jogos Olímpicos, por conseguinte não utilizaram as mesmas instalações.

Na Surdolimpíada de 2017, na Turquia, pela primeira vez um país construiu o estádio e a vila olímpica para recepcionar os surdoatletas, com alojamentos, refeitório e ônibus para locomoção, ou seja, com as condições necessárias para os atletas viverem o clima do evento e conviverem com outros surdos. Apesar de toda a estrutura

construída, muitos surdoatletas não puderam participar deste momento. Obstáculos financeiros e falta de esclarecimento sobre a condição do surdo como atleta e da existência dessa competição esportiva impediram de ter a experiência de tal acontecimento.

Uma dificuldade para a participação em Surdolimpíadas, pelo surdoatleta, é conseguir autorização para afastar-se de sua atividade profissional. Isto porque, as Surdolimpíadas contam com a participação de surdoatletas que, na sua maioria, não são atletas profissionais. No caso brasileiro, por não ter patrocinadores, a maioria dos surdoatletas não tem a opção de se dedicar exclusivamente ao esporte, tendo que trabalhar paralelamente, prejudicando o treinamento para as competições.

Os surdoatletas são trabalhadores na indústria, no comércio, nas escolas, universidades e outros setores públicos e privados. Diante disso, para participar de um evento esportivo se faz necessário pedir dispensa do trabalho e, dependendo do momento econômico ou da vida da pessoa, nem sempre é possível. Para a maioria dos surdoatletas brasileiros, o esporte ainda é uma segunda opção, o que dificulta o crescimento da participação brasileira nas Surdolimpíadas.

O apoio ao esporte dos surdos ainda é pouco reconhecido pelas instâncias governamentais, e deste modo, com escassos recursos para se desenvolver. Além disso, a falta de visibilidade e de reconhecimento dificulta a obtenção de financiamento das empresas públicas e privadas no Brasil. Tais dificuldades, entre outras, geram frustrações e falta de motivação aos surdoatletas, que, muitas vezes, acabam desistindo de praticar o esporte de alto rendimento. Muitos daqueles que conseguem participar dos eventos esportivos dependem do próprio custeio ou de doações de amigos e familiares para as despesas com o treinamento e com as competições.

Ademais, mesmo sem incentivos financeiros, quando esses atletas conquistam resultados, não há ou é escassa a divulgação das Surdolimpíadas nas mídias, tanto impressas quanto digitais. Divulgar a existência de tal evento poderia contribuir para que as pessoas entendessem e reconhecessem as especificidades dos surdos no que se refere à comunicação, à questão da identidade linguística e cultural. E, ainda mostrar a necessidade de elaboração de políticas públicas em esporte e lazer para as pessoas surdas.

Importa reforçar que os atletas surdos não estão ligados ao Comitê Paralímpico Brasileiro, como também não são contemplados pelo Comitê Olímpico Brasileiro. O

apoio ao esporte dos surdos, ainda é pouco reconhecido pelas instâncias governamentais, e deste modo, com escassos recursos para se desenvolver. Além disso, a falta de visibilidade e de reconhecimento dificulta a obtenção de financiamento das empresas públicas e privadas no Brasil e em vários outros países.

Conforme, Deborah Dias, vice-presidente da CBDS, até mesmo a entidade máxima do esporte surdo no Brasil não tem nenhum tipo de financiamento regular, seja público ou privado. Dias afirma que a CBDS sobrevive ao longo de mais de três décadas por meio do trabalho voluntário. Segundo a vice-presidente: "Às vezes conseguimos algumas parcerias com entidades públicas ou privadas para a realização de competições e treinamentos, mas não são permanentes nem suficientes para atender a toda a demanda do surdodesporto brasileiro" (POR QUE..., 2016, s/p).

A crítica de Deborah Dias também atingiu o Programa Bolsa Atleta do Ministério do Esporte. Revelou que os benefícios do referido programa, recebidos pelos atletas surdos, são em valores menores do que os recebidos pelos outros atletas da mesma modalidade, já que o governo considera o esporte de surdos como modalidade não olímpica. Foi o caso, provavelmente, dos atletas surdos campeões de cada esporte da quinta edição dos Jogos Pan-Americanos de Surdos de 2012, que garantiram vaga para a Surdolimpíadas, realizada no ano seguinte, em 2013, em Sofia (Bulgária).

Os surdoatletas brasileiros que conquistaram medalhas nos Jogos Pan-Americanos de Surdos de 2012, posteriormente receberam a Bolsa Atleta do Ministério de Esporte. Todavia, Deborah Dias cita um exemplo da distinção dos atletas surdos em relação aos demais, feita pelo programa do governo brasileiro: "um judoca medalhista em Surdolimpíada recebe bolsa pela categoria internacional, enquanto um judoca oitavo medalhista nas Olimpíadas recebe bolsa pela categoria olímpica ou podium" (ATLETAS SURDOS, 2016). Ela, ainda, reclama: "Também não recebemos prêmios de valor financeiro quando conquistamos alguma medalha" (ATLETAS SURDOS, 2016).

Alguns atletas receberam Bolsa Atleta após as conquistas de títulos pelo Brasil. Atletas de futsal feminino começaram a ser beneficiadas pela bolsa atleta, oportunizando que se dedicassem mais aos treinamentos e competições. Para Debora Dias, vice-presidente da CBDS, o desenvolvimento do futsal feminino para surdos está diretamente relacionado com o apoio que as jogadoras têm recebido do Programa Bolsa Atleta, pois como referido anteriormente, em 2014, oito atletas da modalidade

foram contempladas com o benefício. O Ministério dos Esportes, no ano de 2015/2016, concedeu bolsa atleta para 17 atletas surdos.

Outra possibilidade, além do Bolsa Atleta, é o financiamento para alguns esportes, mas a obtenção desses auxílios financeiros também não é uma tarefa fácil. Um caso bem-sucedido é o da seleção brasileira de voleibol para surdos, que possui o financiamento do Banco do Brasil, graças ao ex-atleta de voleibol Mario Xandó de Oliveira Neto²¹, conhecido como Xandó. Ele possui um projeto para o treino do voleibol. No entanto, os atletas das modalidades de ciclismo, natação, judô, karatê, futsal e o vôlei de praia, dependem de financiamento dos setores privados.

4.4 MEMÓRIAS SINALIZADAS DOS ESPORTES SURDOS NO BRASIL

Como procuramos retratar nos capítulos anteriores, o esporte sempre foi um aspecto importante para a comunidade surda constituir-se como comunidade. Tanto no Brasil, como no mundo, o esporte sempre foi um movimento social que tinha em suas entrelinhas a conquista de espaço e o reconhecimento da capacidade dos surdos. Percebe-se que a criação das Surdolimpiadas também teve seu objetivo nesta premissa.

Eugène Rubens-Alcais se torna surdo jovem. Muito cedo, ele se interessou por esportes e participou de corridas de ciclismo com seus companheiros, sofrendo da mesma enfermidade. Impulsiona, em 1899, a criação do primeiro clube desportivo francês para pessoas com deficiência: o *Club Cycliste des Sourds-Muets*. Os "privados de audição" estão interessados em outros esportes, futebol e atletismo. Em 1911 é fundado o primeiro clube francês "omnisports" para deficientes, o Clube Desportivo dos *Sourds-Muets* de Paris. Eugène Rubens-Alcais, o "Pierre de Coubertin dos surdos", criou o **Comitê Internacional de Esportes Silencer (ISSC)** depois de organizar as primeiras "Silent World Games", em Paris em 1924. Conhecido como o "*The Silent Games*". Este importante evento, que ocorre como um prelúdio para a Olimpíada de Paris de 1924, reúne 148 atletas com deficiência auditiva de nove países (Bélgica, França, Reino Unido, Hungria, Itália, Letônia, Holanda, Polônia, Romênia). Sete disciplinas (atletismo, ciclismo de estrada, futebol, natação, mergulho, tênis e tiro). Apenas uma mulher, a nadadora holandesa Hendrika Nicolini Van Der Heyden, participa e ganha uma medalha de ouro. Esses jogos serão renovados a cada quatro anos. No final desses dias históricos, o Comitê Internacional de Esportes Silenciosos (CISS), agora conhecido como Comitê Internacional de Esportes para Surdos (ICSD), foi criado por Eugène Rubens-Alcais como seu primeiro presidente (1890-2017..., 2017).

Representar seu país, levar o orgulho brasileiro para o *podium*, trazer medalhas e

²¹ Atuou na seleção Brasileira de voleibol masculino em 1980.

fazer parte da história do esporte surdo brasileiro e, principalmente, fazer parte das Surdolimpíadas; esses são alguns dos desejos e ambições dos surdoatletas²², porém muitos obstáculos precisam ser vencidos. As informações presentes neste subcapítulo referem-se às histórias e memórias dos entrevistados da presente pesquisa através das mãos traduzidas para o português e colocadas na forma narrativa.

Tendo que organizar-se, os atletas surdos passam por dificuldades sendo estas constituídas de obstáculos para tornarem-se profissionais. Neste sentido, quando se evidencia um número expressivo de surdoatletas do Brasil nas Surdolimpíadas, vem o questionamento de como esses surdos pagaram suas despesas, se obtiveram algum patrocínio, dentre outras questões. Outro ponto, é que entre o trabalho, a família, o lazer e outras obrigações, estão os treinamentos.

Alexsandro Grade treinava e estudava. Treinava futebol com os surdos e natação com o grupo de ouvintes. Preferiu continuar com a natação, pois tinha receio de se machucar, conforme relato: “Depois tive que escolher um. Não podia ficar indo de um para o outro, melhor desenvolver um só. Comecei a pensar, escolhi natação porque não tem lesão” (GRADE, 2018). O ritmo de vida e treinamento era puxado: “As 4/5 horas da madrugada eu treinava, depois ia para a escola estudava todo dia. Depois ia para academia e nadava. Igual profissão” (GRADE, 2018).

Já, Alexandre Soares Fernandes, treinava judô. Sua vida durante certo período incluía estudar, frequentar programas sociais e treinar: “Eu estudava, frequentava o jovem aprendiz e depois ia para o treino. Cansativo, mas sou teimoso e insistia em continuar no esporte. [...] Depois de cinco anos eu trabalhava e treinava (FERNANDES, 2018). Tais depoimentos vão ao encontro com a análise apresentada pela revista DIESPORTE (2016, p. 42) no quesito financiamento:

Assim, a interpretação desse quesito situa-se no exame da variável financiamento no âmbito dos estudos do DIESPORTE, cujo relatório está sendo publicado paralelamente ao presente documento, o qual apresenta preliminarmente que a família e o sujeito, são os maiores investidores no esporte, ou seja, é o sujeito que autofinancia sua prática esportiva.

²² Os principais atletas em ascensão no esporte surdo brasileiro são: Guilherme Maia, na natação; Heron Rodrigues, no karatê; Alexandre Soares, no judô; Stefany Krebs, Vanderléia Gonçalves, Vaneza Wons e Laelen Cássia Brizola, no futsal; e Lucas Bonnalume, Guilherme Westerman, e Toríbio Malagodi, no voleibol.

Sérgio Andrade enfrentou outros tipos de problemas: administrativos. Durante muito tempo, presidiu a Federação Desportiva de Surdos do Pará. Cansado, relata que é difícil conseguir um substituto: Eu fui presidente da Federação de Esportes por onze anos. Fui presidente, várias vezes. Substituto não conseguia (ANDRADE, 2018). Foi com Sérgio que sucedeu o início da participação do Brasil nas Surdolimpíadas: “Era 1991, começou a competição, estímulo ao esporte no mundo. Recebi de um amigo italiano um e-mail. Houve sinal da ICSS sobre recursos para a CBDS, mas não tinha dinheiro para o governo, não podia pedir ajuda porque a CBDS estava com o “nome sujo”” (ANDRADE, 2018). Através das falas percebe-se que este foi sempre um dos problemas para a maioria dos surdoatletas, ou seja, a falta de verba para financiamentos e a falta de patrocínios.

Sergio recorreu a um vereador, após ter os pedidos de verba a Brasília e a Itália negados, conseguiu recursos junto a prefeitura do Rio de Janeiro para o tênis de mesa:

Fui para Brasília pedir verba/financiamento. Não consegui por ter o nome sujo. Depois, escrevi e-mail para a Itália, pedindo ajuda e a resposta foi negativa, pois já ajudavam a América Central ou a África e a Rússia. Não tem como ajudar mais o Brasil. Pensei como? Fui na prefeitura do Rio de Janeiro, falar com vereador e deputado. Sim, responderam, mas utilizaram o caixa 2. Eu não sabia o que era isso, inocente, aceitei (ANDRADE, 2018).

Já, Heron Rodrigues da Silva conta que no início foi difícil obter investimentos devido a sua surdez: “Eu treinava muito, mas as pessoas não investiam em mim por causa da surdez. Mas fui participando de campeonatos e as pessoas foram vendo que eu estava vencendo. Comecei a aparecer e ganhei uma bolsa atleta do Ministério do Esporte” (SILVA, 2018).

Guilherme Maia, também coloca a dificuldade de financiamento para os surdos, o que, na sua visão, reflete na falta de reconhecimento:

Mas não como um atleta ouvinte ou paralímpico. O reconhecimento é bem menor. Precisamos recorrer a rifas e ajudas de amigos. A Nita Alimentos/Moinho Paulista têm me ajudado desde 2013, quando fui para a segunda participação na Surdolimpíada da Bulgária. Gostaria que a imprensa escrita e a TV divulgassem muito mais e também fizessem um apelo para as grandes e pequenas empresas industriais... para que nos patrocinassem com ajuda financeira, possibilitando investir mais nos equipamentos, nos profissionais que nos cercam e em nós mesmos para dedicação total aos treinos (MAIA, 2018).

O surdoatleta recorre a projetos, ajuda de amigos e outras estratégias para conseguir pagar sua viagem e estadia. Essa foi a experiência de Guilherme: A primeira viagem, quem pagou foi o governo do Rio de Janeiro. Quem conseguiu a verba foi o Sérgio. A segunda viagem pedi ajuda, fiz vaquinha para conseguir o montante (MAIA, 2018).

Imagem 32 – Vakinha para a viagem de Alexandre Soares Fernandes

Atletas Brasil

CONTATO

ATLETAS CLUBES CALENDÁRIO AJUDE UI

e Open) Mundial de Judo dos Surdos - Venezuela em Ilha de Margarita 2012, além de ter o recorde Campeões (Categorias e Open) Jogos sul-americano em 2014, Campeão Mundial de judô dos Surdos em Samsun/ Turquia Julho/2016 te 120 mais medalhas de Federação e Liga (Ouvinte)..

Estou em plena preparação para as Surdolimpiadas na Turquia em 2017, URGENTE AJUDA!

ALEXANDRE SOARES FERNANDES JUDÔ

PERFIL

HISTÓRICO

OUTRAS NECESSIDADES

AJUDE ESTE ATLETA

CLUBES

INSTITUTO REAÇÃO
2015 - presente

ASSOCIAÇÃO VALORIZANDO AS DIFERENÇAS
2005 - 2015

Fonte: <https://atletasbrasil.com.br/alexandrefernandes>.

Alexsandro foi convidado pela CDBS para participar das Surdolimpiadas e, mesmo assim, quem pagou suas passagens foi seu pai. A instituição, mesmo com seus projetos, não conseguiu verba par financiar a viagem: “Eu angustiado, um dia antes, não tinha passagem [...]. Meu pai pagou a passagem. Não queria, fiquei angustiado. Na segunda participação a CDBS não deu verba de novo. Meu pai pagou o avião. Não estava perfeito” (GRADE, 2018).

Outra dificuldade encontrada pelos surdoatletas é a própria divulgação das atividades e dos eventos para surdos. O surdo que frequenta a associação de surdos tem mais informações. O judoca Alexsandro, por exemplo, não sabia da existência das Surdolimpiadas: “Estava me preparando para o mundial da França (ouvinte) e fiquei sabendo das Surdolimpiadas, legal não sabia” (GRADE, 2018).

Com a realização das Olimpíadas e Paraolimpíadas no Rio de Janeiro, em 2016, surgiu o debate acerca do porquê o atleta surdo não participava das modalidades esportivas destes eventos. Nesse momento, a Surdolimpíada teve ampla

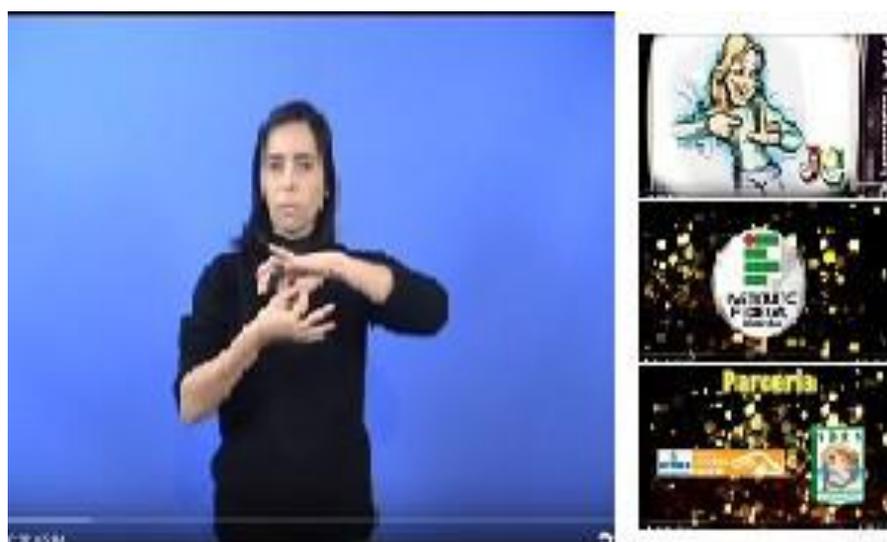
divulgação. Sites como O globo (<https://oglobo.globo.com/esportes>) com a reportagem: “Brasil faz história com a primeira medalha de ouro nas Surdolimpíadas”; ou, matérias da própria CBDS começaram a ser consultadas com maior frequência, para conhecimento sobre a relação entre os Jogos Paraolímpicos e as Surdolimpíadas. Esclarecimentos filmados em língua de sinais surgiram no canal *Youtube*, buscando também explicar aos surdos sobre as Surdolimpíadas.

Imagem 33 – Vídeo de esclarecimento acerca das Surdolimpíadas



Fonte: Vídeo encontrado no *site* do CBDS.

Imagem 34 – Vídeo “O que é a Surdolimpíada?”



Fonte: Surdolimpiada (2016).

Neste momento, atletas surdas/deficiente auditivas, como Daniela Guidugli manifestaram-se, destacando a importância do esporte surdo. Partes do vídeo são exibidos nas imagens que seguem.

Imagem 35 – Daniela Guidugli, surdoatleta do vôlei de praia e de quadra



Fonte: <http://ibparalimpico.com.br/surdolimpiadas-fora-do-circuito-olimpico-surdos-disputam-evento-proprio/>.

Outro aspecto, sobre o qual se pode apontar uma melhoria, é o uniforme. Uma das regras para participar das Surdolimpíadas é o uso do uniforme. Não havia financiamento para a viagem e nem sequer para uniformes. Sérgio comenta que ao chegar na Surdolimpíada, todos os atletas dos demais países estavam uniformizados, menos o Brasil. A solução foi pagar do próprio bolso e improvisar um uniforme: “Quando aterrissamos, desculpe sensação: muitos surdos, um mundo surdo. Brasil era desconhecido? Parecia pobre. Pedeu camiseta, uniforme, não tinha, mas precisava. Na hora comprei e costurei emblema. Paguei do meu próprio bolso para ajudar (ANDRADE, 2018). Nos depoimentos dos outros atletas, esse quesito não foi mencionado. Talvez, na época em que eles participaram das Surdolimpíadas, já havia uma organização diferenciada. Em 2017, já uniformizados, alguns surdoatletas compraram sua vestimenta. Ademais, através de campanhas, vendendo camisetas, várias pessoas ajudaram a pagar os uniformes para os atletas.

Imagem 36 – Campanha para aquisição do uniforme

Faça sua doação para
Delegação Brasileira Surdolímpica 2017
Banco do Brasil
Agência 3413-4 / Conta corrente: 39.261-8
CNPJ: 28.636.504/0001-11

Cada R\$ 10,00 doado vale um cupom
para concorrer a 15 camisas
Para receber o cupom envie comprovante do depósito para
realizad@cbds.org.br

9 camisas Modelo Branco
6 camisas Modelo Azul

Datas do sorteio: 12/11/16, 10/12/16, 14/01/17
"Camisas do modelo 9" disponíveis em tamanho 40-44. "Camisas do modelo 6" disponíveis em tamanho 40-44.
CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS DE SURDOS
GRUPO 008-0020 - "Trabalhar juntos, melhorar a vida de todos"

Obs.: Tamanhos sujeitos a disponibilidade.
Frete de correio por conta do comprador.
Contato: surdolimpiadas@cbds.org.br

Casaco – R\$ 170,00
Calça – R\$ 100,00
Bermuda – R\$ 80,00
Camisa Treino – R\$ 25,00
Calção Treino – R\$ 25,00

Fonte: <http://www.ebc.com.br/esportes/2016/10/cbds-inicia-campanha-de-financiamento-para-levar-atletas-surdos-ao-summer>

A campanha para aquisição do uniforme alcançou uma grande publicidade. Todos que se identificam com a surdez e fazem parte da comunidade surda, envolveram-se para que o Brasil tivesse uma representação. A revista D+, colaboradora na campanha divulgou:

Por meio do financiamento coletivo feito pelo site Kickante, encerrado em fevereiro com R\$ 5.440 arrecadados, a CBDS usará os recursos arrecadados para pagar o kit uniforme e as taxas de inscrição/participação de membros das comissões técnicas e voluntários de apoio, que trabalharão com a Delegação Brasileira em Samsun (BRASILEIROS..., 2017).

Em 2005, o Brasil já estava uniformizado, porém as delegações ainda precisavam pagar pelo mesmo.

Imagem 37 – Uniforme dos atletas e da delegação



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Os atletas, apesar das dificuldades e dos obstáculos, têm em mente sua importância como modelo para a geração mais nova. O ganhar ou não medalhas, neste momento, não está em debate. Alessandro relata: “Também vejo herança: dois surdos campeões. A história como herança ajuda a estimular, ou seja, o modelo ajudará as gerações futuras a lutarem pelos seus direitos, bem como conhecer sua história e preservá-la” (GRADE, 2018). Guilherme manda uma mensagem positiva aos futuros atletas: “Ser surdo não é nada fácil! Mas também não é tão difícil. Se tivermos uma base familiar, como tive com minha mãe e minha irmã, a gente consegue chegar no alto do podium!” (MAIA, 2018). Por sua vez, Heron salienta que a persistência pode fazer a diferença: “Eu sempre falo para os surdos não desistirem de nada. Sei que sou um influenciador. Por isso incentivo os surdos a buscarem novas coisas (SILVA, 2018). Já, Alexandre ressalta que o surdo é capaz: “As Surdolimpiadas são importantes para o futuro. Sou o modelo. Será divulgado e poderão ver que o surdo é capaz de viajar, competir igual aos ouvintes. [...] construção de uma história” (FERNANDES, 2018).

Félix²³, a atleta mais jovem das Américas que participou das Surdolimpiadas e por isso, foi convidada a carregar a chama olímpica na Surdolimpiadas da Bulgária. A atleta tinha 17 anos quando recebeu sua faixa preta. Foi uma surpresa. Com 15 anos começou a amar o Judô. Participou das surdolimpiadas da Turquia e da Bulgária. Félix deixa seu depoimento para as futuras atletas/judocas: O esporte é bom para se seguir, né? Nós precisamos de mais mulheres. Quero que mais meninas surdas sigam esse caminho. (Cunha,,28/6/2019.site: esporte.gov.br)

Podemos dizer que as Surdolimpiadas configuram um movimento surdo, onde o direito de ser surdo, de mostrar-se surdo, ainda está em processo para conquistar seu espaço. Nas palavras de uma pesquisadora surda, encontramos explicitada a sua visão do movimento surdo:

Para o movimento surdo, contam as instâncias que afirmam a busca do direito do indivíduo surdo ser diferente nas questões sociais, políticas e econômicas que envolvem o mundo do trabalho, da saúde, da educação, do bem-estar social (PERLIN, 1998, p. 42).

Cabe lembrar que essa história só foi possível porque um surdo Sentil Delatorre, conhecedor da língua de sinais, porém oralizado, organizou a Federação

²³ Essa atleta foi inserida após a defesa. A própria fez contato comigo e solicitou sua inclusão no trabalho. Devido a importância da mesma na história do esporte, foi colocado.

dos Desportos Surdos no ano de 1967 e também criou a CBDS – Confederação Brasileira de Desportos Surdos. Anteriormente a tais entidades criou, em 1959, também a Federação Carioca de Surdos. A partir de então, o Brasil começou a ser reconhecido pelos demais países, participando de várias competições esportivas. Nas palavras do surdo Nelson Pimenta, do programa Café com Pimenta da TV INES: “Para a história do desporto surdo és muito importante. Quero agradecer muito” (PIMENTA, 2018).

Assim como se tem no desporto surdo brasileiro a presença de Sentil Delatorre, pode-se dizer que Eugène Alcais foi a presença significativa para o desporto surdo internacional.

O primeiro clube desportivo de esportes surdos foi o *Sports Club de surdos-mudos* em Paris, fundado em 1910 por ex-alunos do Instituto *Gustave Baguer Departamental Asnieres*, instituto localizado no Hauts-de-Seine, na orientação da Eugène. O reconhecimento da fundação do referido clube foi oficializado pelas autoridades públicas em 1911, após o depósito de seus estatutos (EUGÈNE..., 2017)

Imagem 38 – Eugène Alcais e o primeiro clube de bicicleta esportiva para surdos



Fonte: Imagem do *site* do Comité Eugène Rubens Alcais (EUGÈNE..., 2017).

A partir desse momento, os surdos começaram a emergir do seu isolamento. Assim, começaram a aparecer outros interessados pelas práticas desenvolvidas, bem como, por outros esportes. Desse modo, jovens ditos descapacitados²⁴ foram se

²⁴ Termo utilizado na época.

reunindo, dando início aos eventos e às competições esportivas surdas. Sentil Delatorre fez o mesmo trajeto de Eugéne e lutou para que os surdos descobrissem sua capacidade para o esporte, começando aos poucos o movimento social esportivo no Brasil.

Imagem 39 – Fotografia dos presidentes e membros da diretoria da CBDS



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Percebe-se que a história da Surdolimpíadas deixou resquícios na história dos esportes surdos. Aparentemente, o Brasil começa a perceber que há um grupo de atletas que precisam ser estimulados, apoiados em sua trajetória esportiva, não por serem surdos e terem direitos, mas por serem cidadãos e terem orgulho de serem brasileiros. Talvez, haja estranheza na utilização do termo “aparentemente”, mas seu uso foi escolhido por haver transitado a proposta de dedicar uma porcentagem financeira ao esporte surdo no país.

A proposta de dedicar uma porcentagem ao esporte surdo consta no projeto de Lei nº 6.718, de 2016²⁵ e está em tramitação. A proposta, se aprovada, pode fazer com que mais surdos possam se tornar atletas profissionais e defendam sua nação. Assim, podem, também, ganhar mais visibilidade e, com isso, patrocínios serão possíveis. Essa visibilidade já está ocorrendo pelo fato da primeira dama – Michele Bolsonaro – utilizar a LIBRAS para comunicar-se com os surdos de sua igreja. Em junho, a primeira Dama esteve presente na Surdolimpíada brasileira e em seu discurso firmou a promessa de construção da sede da CBDS em Brasília e a distribuição de bolsas atletas para os surdos.

²⁵ Altera o art. 56 da Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre o desporto, para realocar a destinação de recursos oriundos dos 2,7% (dois inteiros e sete décimos por cento) da arrecadação bruta dos concursos de prognósticos e loterias federais e similares e dar outras providências.

É com muita alegria que conseguimos um lugar, uma sede para a CBDS por meio do presidente da Caixa Econômica Federal, que se comprometeu com as obras do espaço. A sede será na Escola Bilingue, na 912, Asa Sul, em Brasília. Acreditamos que esta sede auxiliará no desenvolvimento do esporte entre os surdos – disse (RIBEIRO, 2019).

Imagem 40 – Discurso da primeira dama



Fonte: Imagem do Jornal Integração (SURDOLIMPIADAS..., 2019).

Imagem 41 – Abertura das Surdolimpíadas brasileira



Fonte: Fotografia de Mariana Milagre.

A Surdolimpíada brasileira foi organizada pela CBDS e ocorreu em Para de Minas, Minas Gerais, reunindo cerca de 300 atletas brasileiros de 11 diferentes modalidades (atletismo, badminton, basquete, futebol de campo, handebol, tênis de mesa, natação, judô, caratê, voleibol e xadrez). A possibilidade da realização do evento, de acordo com a assessoria do deputado Eduardo Barbosa, ocorreu devido a uma emenda individual, de autoria do deputado.

O deputado federal Eduardo Barbosa confirmou essa semana o pagamento de emenda individual de sua autoria para a realização das “Surdolimpíadas do Brasil 2019”, também conhecidas por Olimpíadas para Surdos, que acontecerá de 20 a 23 de junho de 2019 em Pará de Minas (PAGA..., 2019).

O recurso da emenda, apresentada no Orçamento Geral da União de 2018 perante o Ministério do Esporte, no valor de R\$130.000,00, iria custear a hospedagem dos atletas, a aquisição das medalhas, uniformes, materiais e produtos utilizados pelos atletas durante as competições, e o material gráfico para divulgar o evento. Estava prevista a participação de cerca de 400 pessoas, entre surdoatletas, membros de apoio e membros da comissão organizadora, podendo aumentar o número de colaboradores na equipe de apoio ou beneficiados indiretos.

O deputado em entrevista para o Jornal Integração contou que o presidente da ASPAM²⁶, Gabriel Hovelacque, o procurou para pedir ajuda para a realização de um evento esportivo: “O Gabriel me procurou no meu gabinete e ali começamos a trabalhar a ideia e também o recurso porque não tinha como financiar. Eu apresentei uma emenda individual nossa para a realização e está aqui acontecendo. E para mim com muita alegria e satisfação” (BARBOSA, 2019). O Ministro da Cidadania, Osmar Terra, abriu as Surdolimpíadas com as seguintes palavras: “Eu declaro aberta a segunda edição das Surdolimpíadas do Brasil 2019” (TERRA, 2019). Após a abertura, o Ministro concedeu uma entrevista para a TV de Pará de Minas sobre a sede da CBDS. O Sr. Ministro declarou:

Já tem um local e nós estamos construindo agora as “estações cidadania”, que são uma junção da área de esporte, o que tinha da área da cultura e da área de zoneamento social. E nessas estações cidadanias que vão ter pista de atletismo, vai ter parque infantil, vai ter centro de convivência de idosos, teatro com cinema. Nessa estrutura nós vamos incluir uma sala, um espaço, para a comunidade surda. Eles vão ter uma sala para eles para fazer toda a articulação daquela região, daquela cidade. Vamos ampliar os espaços que a comunidade surda vai ter acesso (TERRA, 2019).

Logo em seguida, o senhor Emanuel Rego, secretário Nacional de alto rendimento, falou:

O Ministério da Cidadania, que está abrangendo a Secretaria Especial do Esporte está com um projeto de fazer um edital até o final do ano para recuperar a bolsa atleta e tentar fazer com que a comunidade dos surdos tenha mais esse fomento, esse financiamento (REGO, 2019).

²⁶ Aspam – associação dos surdos de Pará de Minas.

No evento, os atletas participantes puderam conhecer um pouco da história e luta dos surdos para a concretização da representação brasileira na Surdolimpíadas. Os atletas foram homenageados na abertura. Jiovana Crespo teve a honra de acender a Pira Olímpica.

Imagem 42 – Jiovana Crespo ascendendo a Pira Olímpica



Fonte: Fotografia de Mariana Milagre.

Imagem 43 – Pira Olímpica



Fonte: Fotografia de Mariana Milagre.

O esporte surdo também mostrou a inclusão do surdo. A atleta surda Maria Fernanda (SC), portadora da síndrome de Down, mostrou superação ganhando o ouro na modalidade de tênis de mesa.

Imagem 44 – Atleta Maria Fernanda do tênis de mesa



Fonte: Fotografia do jornal Tribuna de Itapoá (TALENTO ÚNICO..., 2019).

Imagem 45 – Troféu entregue ao Campeão Olímpico Geral



Fonte: Fotografia de Mariana Milagre.

Para terminar este escrito além da imagem do troféu dado às melhores equipes, acima, citamos os dizeres do poeta Augusto Branco:

No esporte, existem campeões e existem heróis. Campeões vencem porque são bons no que fazem e tiram proveito particular de suas vitórias. Heróis vencem quando menos se espera, superam seus próprios limites, e quando recebem os louros dividem suas vitórias com uma nação inteira...

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese de doutorado buscou entender como se constituiu a prática dos esportes surdos e a participação brasileira nas Surdolimpíadas no período de 1993 até 2017. A CBDS, relevante entidade para o desenvolvimento do esporte surdo no Brasil, fundada em 1984, passou por um processo de fundação de aproximadamente 30 anos, desde que surgiu a necessidade de haver um órgão que reunisse os surdos brasileiros na prática de esportes competitivos em nível nacional e internacional. Participaram desta história diversas pessoas, as quais foram responsáveis por modificar a subjetividade dos surdos, impelindo-os a assumir posturas autônomas e de protagonistas da própria história, o que se refletiu em diversos outros movimentos surdos por causas grandes, como a oficialização da sua língua, a LIBRAS, e a consolidação de sua cultura.

O Brasil participou de sete das 23 edições das Surdolimpíadas. Embora no período de 1993 a 2017 as delegações brasileiras tenham obtido conquistas em termos do incremento no número de participantes, na quantidade de modalidades disputadas e nas medalhas alcançadas, pouco se observou em termos de reconhecimento e apoio, em especial, de viés governamental. As ações para o desenvolvimento do esporte surdo no país e o incremento da participação brasileira nas Surdolimpíadas, parecem ainda dependerem, basicamente, de iniciativas individuais.

Tal cenário parece possuir relação com as lutas e conquistas das comunidades surdas, as quais possuem particularidades relativas ao contexto político, econômico, social e cultural de cada país. No caso do Brasil, a comunidade surda atingiu, no século XXI, relevantes metas em termos do reconhecimento da sua cultura e identidade. A lei federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002 (BRASIL, 2002), que reconhece a LIBRAS como meio legal de comunicação e expressão dos surdos, é um exemplo disso. Todavia, no âmbito do esporte, os surdos ainda encontram-se, em certa medida, invisibilizados.

Acreditamos que uma maior atenção governamental ao esporte surdo, assim como a divulgação de seus eventos na mídia, poderia contribuir para o seu desenvolvimento no país. Esperamos que este estudo possa despertar o interesse da comunidade acadêmico-científica, promovendo discussões acerca do esporte surdo, especialmente, nos campos da Memória Esportiva e da História do Esporte.

Ademais, faz-se imperativo, no meio acadêmico, ampliarmos nossas formas de diálogo e escutar os anseios da comunidade surda.

Esta pesquisa histórica pode ser útil para que as comunidades surdas conheçam melhor os feitos de seus semelhantes surdos e inspirem-se para continuar as lutas por reconhecimento e afirmação social, bem como para produzir mais conhecimento sobre sua subjetividade, sua história e sua cultura. Existem lutas pela prevalência sobre os poderes e os saberes que operam nas sociedades e o palco desta luta é o meio social como um todo. O esporte se mostra um rico instrumento de socialização e de identidade cultural, na medida em que incentiva a comunicação e a organização política. Este pode ser um objeto de muitas outras produções acadêmicas, que podem valorizar o esporte e elevar o nível cultural dos surdos brasileiros.

REFERÊNCIAS

1890-2017: Le sport sourd, une grande Histoire. **Site oficial de la Délégation Française**. Actualités, 11 jul. 2017.

ATHERTON, M.; TURNER, G.; RUSSELL, D. More than a Match: The Role of Football in Britain's Deaf Community. **Soccer & Society**, v. 2, n. 3, p. 22-43, 1999.

AUGUSTO, Isaque, BRANCATTI, Paulo Roberto. Esporte adaptado: conceito histórico e evolução na cidade de Presidente Prudente. In. FIEP, Foz do Iguaçu, 2010. **Anais FIEP BULLETIN**, Foz do Iguaçu: 2010, v. 80, special edition.

BARBOSA, Eduardo. **Jornal Integração**. Entrevistador Isabella Bahni, Pará de Minas: TVI Pará de Minas, 21 jun. 2019.

BAUMAN, Z. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zajar, 2003.

BENVENUTO, Andrea, SÉGUILLON, Didier. Primeiros banquetes dos surdos-mudos no surgimento do esporte silencioso 1834-1924: por uma história política das mobilizações coletivas dos surdos. **Revista Moara**, p. 60-78, 2016.

BOURDIEU O campo econômico. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, nº 119, p. 46-66, 1997. Tradução de Suzana Cardoso e Cécile Raud-Mattedi.

BOURDIEU, Pierre. Como se pode ser esportivo? In: BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.

BISOL, C. A.; VALENTINI, C. B. **Surdez e Deficiência Auditiva - qual a diferença?** Objeto de Aprendizagem Incluir – UCS/FAPERGS, 2011. Disponível em http://www.grupoelri.com.br/Incluir/downloads/OA_SURDEZ_Surdez_X_Def_Audit_Texto.pdf.. Acessado em: 15 abr. 2017.

BRASIL. Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 2005.

BRASILEIROS na Surdolimpíadas: uma luta diária. **Revista D+**. 12 maio 2017. Disponível em: http://revistadmais.com.br/ed14_mistoquente2/. Acesso em: 15 jun. 2017.

CACLINI, Nestor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

CAMPOS, Lília. Guilherme Maia Kabbacj: nadador santista conquistou duas medalhas no mundial para surdos. Lília Campos. **Blog**. 8 nov. 2011. Disponível em: <http://liliacamposmartins.blogspot.com/2011/11/nadador-santista-conquista-duas.html>. Acesso em: out. 2018.

CAMPOS, Débora Wanderley; STUMPF, Mariane Rossi. Cultura Surda: um patrimônio em contínua evolução. In: PERLIN, Gladys, STUMPF, Marianne (Orgs.). **Um olhar sobre nós surdos**. Curitiba: Editora CRV, 2012.

CLANDININ, D. Jean; CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CONFEDERAÇÃO Brasileira de Desportos de Surdos – CBDS. **Site**. Disponível em: cbds.org.br.

CRAIDE, Sabrina. Atletas surdos não participam de Paralimpíada. **EBS**. Esportes/Jogos Olímpicos, 6 set. 2016. Disponível em: http://cnews.com.br/cnews/esportes/102775/atletas_surdos_ao_participam_de_paralimpiada. Acesso em: 10 out. 2018.

CUNHA, Gustavo. Surdolimpiadas: as inspiradoras histórias de dois pioneiros do Judô para surdos. Secretaria especial do esporte. Disponível em: esporte.gov.br. Acesso 6 de outubro de 2019.

DARBON, Sebastien. **Diffusion des sports et impérialisme anglo-saxon**: De l'histoire événementielle à l'anthropologie (Hors collection) (French Edition). Paris: Open edition Books, 2008.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

EUGÈNE Rubens-Alcáis. Comité Eugène Rubens Alcáis. **Site**. 4 abr. 2017.

FARO, Vanessa. **Guilherme Maia**. Disponível em: globoesporte.globo.com. Acesso em 20 de agosto de 2018)

FLAUSINO, M. da S. **Plano decenal**: as políticas públicas de esporte e lazer em jogo. 2013, 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan: 1989.

GUERRA, Marcos. Jogadora do Osasco vira referência entre amadoras no Pan para surdas. **Globo Esporte**. São Paulo, 16 jun. 2016. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/volei/noticia/2016/06/jogadora-do-osasco-vira-referencia-entre-amadoras-no-pan-para-surdas.html>. Acesso em: jul. 2018.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do

nosso tempo. **Educação & Realidade**, v. 22, 1997.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **Olympic Agenda 2020**. Disponível em: <https://www.olympic.org/olympic-agenda-2020>. Acesso em: 20 set. 2018.(SEM AUTOR)

KARNOOP, Lodenir. Língua de sinais na educação dos Surdos. *In*: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini. **A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

LADD, Pady. **Em Busca da Surdidade 1: Colonização dos surdos**. Lisboa: Editora Surd´Universo, 2013.

LIMEIRA DE SÁ, Nídia. **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: Editora Paulinas, 2006.

LÍNGUAS DE SINAIS – CARACTERÍSTICAS. **Jornal do Surdo (online)**. Disponível em: <http://jornaldosurdo.comunidades.net/linguas-de-sinais-caracteristicas>. Acesso em: 10 ago. 2018.

LOPES, Maura C.; VEIGA-NETO, Alfredo. Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 24, n. 3, 2006.

MEYLAN, Arnaud. IOC Sing MoU With International Committee of Sports for the Deaf. **International Olympic Committe**, 9 mar. 2016. Disponível em: <https://www.olympic.org/news/ioc-signs-mou-with-international-committee-of-sports-for-the-deaf>. Acesso em: jul. de 2017.

MADEIRA, Diogo Souza. **Memórias Linguísticas de Jorge Sergio Lopes Guimarães**. 2015. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Instituto de Ciências Humanas (UFPEL), Pelotas, 2015.

MONTEIRO, Myrna Salerno. História dos movimentos dos surdos e o reconhecimento da LIBRAS no Brasil. **Educação Temática Digital**, Campinas, v.7, n.2, p. 292-302, jun. 2006.

NAKAGAWA, Hugo Eiji Ibanhes. **Culturas surdas: o que se vê, o que se ouve**. 2012. Dissertação (Mestrado em Cultura e Comunicação) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa (FLUL), Lisboa, 2012.

PADDEN, Carol; HUMPHRIES, Tom. **Deaf in América: Voice from a Culture**. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

PAGA emenda para realização das Surdolipíadas em Pará de Minas. **Deputado Federal Eduardo Barbosa**, Notícias, 7 fev. 2019. Disponível em: <http://eduardobarbosa.com/institucional/noticias/ver/1227/40>. Acesso em: mar. 2019.

PARAÍSO, Marlucy. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. *In*:

MEYER, D. PARAÍSO, M. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

PERLIN, Gladis. Identidades Surdas. In: C. Skliar (org.) **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin. História cultural dos surdos: desafio contemporâneo. *Educar em Revista*, v. 30, n. especial, p. 17-31, 2014.

PIMENTA, Nelson. Programa Café com Pimenta: **Tv INES** (online), 15 ago 2018. Disponível em: <http://tvines.org.br/?p=18615>. Acesso em: 20 ago. 2018.

PINCHAS, Rafael Pinkhasov. **The History of the Deaflympics Games**: 90TH anniversary jubilee book (1924- 2014). Comité Internacional des Sports des Sourds, 2015.

PIONEERS AND LEADERS. Deaflympics. **Site**. [?]. Disponível em: <https://www.deaflympics.com/icsd/pioneers-and-leaders>. Acesso em: set. 2018.

POR QUE atletas surdos não participam dos Jogos Paralímpicos? **IG São Paulo**. Esporte, 6 set. 2016. Disponível em: esporte.ig.com.br. Acesso em janeiro de 2017.

PROJETO para Financiamento da Participação da Delegação Brasileira no “2017 Summer Deaflympics”. **Confederação Brasileira de Desportos de Surdos - CBDS**. Brasília, 1 de out. de 2016. Disponível em: <http://cbds.org.br/wp-content/uploads/2016/09/ProjetoDeaflympics2017CBDS3%C2%AA-Edi%C3%A7%C3%A3o-1.pdf>. Acesso em: dezembro de 2016. (SEM AUTOR)

REGULAMENTO das Comissões Técnicas das Seleções Brasileiras. **Confederação Brasileira de Desportos de Surdos - CBDS**. São Paulo, 5 maio 2016. Disponível em: <http://cbds.org.br/wp-content/uploads/2016/05/Regulamento-CT-05.05.2016.pdf>. Acesso em: maio 2017. (SEM AUTOR)

RANGEL, G. M. M. **História do povo surdo em Porto Alegre**: imagens e sinais de uma trajetória cultural. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2004.

REGO, Emanuel. **Jornal Integração**. Entrevistador Isabella Bahni, Pará de Minas: TVI Pará de Minas, 21 jun. 2019.

REIS, Juliana. Brasil conquista medalhas na Surdolimpíadas. **Portal Acesse**, 1 ago. 2017. Disponível em: <https://www.portalacesse.com/2017/08/01/brasil-conquista-cinco-medalhas-na-surdolimpiada/>. Acesso em: abr. 2018.

RIBEIRO, Bruno. Michelle Bolsonaro anuncia nova sede da CBDS e se emociona na abertura das Surdolimpíadas. **Globo Esporte**, 21 jun. 2019. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/mg/zona-da-mata-centro-oeste/noticia/michelle-bolsonaro-anuncia-nova-sede-da-cbds-e-se-emociona-na-abertura-das-surdolimpiadas.ghtml>. Acesso em: jun. 2019.

ROSA, Emiliania Faria. Identidades Surdas: o identificar do surdo na sociedade. *In*: PERLIN, Gladys, STUMPF, Marianne (orgs.). **Um olhar sobre nós surdos**. Leituras contemporâneas. Curitiba: Editora CVR, 2012.

ROUCHOY, Joëlle; VELOSO, Monica Pimenta. **História do corpo**: as mutações do olhar: o século XX. Petrópolis: Vozes, 2008.

SALOMON, Andrew. **Longe da árvore**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2009.

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia S. Silveira T. **História & documento e metodologia de pesquisa**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SILVA, T. T. **Contrabando, incidentes de fronteiras**: ensaios de estudos culturais em educação. Porto Alegre, 1998.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

SILVEIRA, C. H. Representações de surdos/as em matérias de jornais e revistas brasileiras. **Educação** (UFSM / on-line), v. 33, p. 171-190, 2008.

SKLIAR, Carlos. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Medição, 1998.

SURDOLIMPIADA. **SSRS JG**. 24 jun. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yFPMsKIEmXg>. Acesso em: set. 2017.

SURDOLIMPIADAS 2019 é sediada em Pará de Minas. **Jornal Integração**, Pará de Minas: TVI Pará de Minas, 21 jun. 2019.

STEWART, D. A. **Deaf sport**: The impact of sports within the deaf community. Washington: Gallaudet University, 1991.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2. ed. rev. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

TALENTO ÚNICO de Maria Fernanda da Silva, de Itapoá, é destaque nas Surdolimpíadas. **Tribuna de Itapoá**, 24 jun. 2019. Disponível em: <https://www.tribunadeitapo.com.br/19556/talento-unico-de-maria-fernanda-da-silva-de-itapoa-e-destaque-nas-surdolimpiadas>. Acesso em: jul. 2019.

TERRA, Osmar. Surdolimpíadas 2019 é sediada em Pará de Minas. **Jornal Integração**. Entrevistador Isabella Bahni, Pará de Minas: TVI Pará de Minas 21 junho de 2019.

ZWIERZCHOWSKA, A.; GAWLIK, K.; GRABARA, M. Deafness and motor abilities level. **Biology of Sport**, v. 25, n. 3, 2008.

WEBER, M. Comunidade e sociedade como estruturas de socialização. *In*: FER-

NANDES, F. (Org.). **Comunidade e sociedade**: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973, p. 140-143.

WINNICK, Joseph P. **Educação Física e esportes adaptados**. 3. ed. São Paulo: Manole, 2004.

WRIGLEY, Oliver. **Política da Surdez**, Washington: Gallaudet University Press, 1996.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T. (org.) **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

Entrevistas

FERNANDES, Alexandre Soares. Entrevistador Marco Di Franco. Entrevista realizada por Skype, 5 ago. 2018.

GRADE, Alexsandro. Entrevistador Marco Di Franco. Entrevista realizada por Skype, 24 jul. 2018.

ANDRADE, Sérgio. Entrevistador Marco Di Franco. Entrevista realizada por Skype, 20 maio 2018.

SILVA, Heron Rodrigues da. Entrevistador Marco Di Franco. Entrevista realizada por Skype, 30 maio 2018.

KABBACH, Guilherme Maia. Entrevistador Marco Di Franco. Entrevista realizada por Skype, 5 jun. 2018.

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista

- 1) Nome:
- 2) Qual esporte pratica?
- 3) Como começou a praticar este esporte?
- 4) Em quais competições participou representando o Brasil?
- 5) Como custeou as despesas de viagem?
 - 5.1) Se recebeu financiamento, foi particular ou governamental?
- 6) Participou de alguma edição das Surdolimpíadas? Se sim, em qual(is)?
- 7) Como e quando teve conhecimento sobre a Surdolimpíada?
- 8) Você é atleta profissional?
 - 8.1) Se não é atleta profissional, como concilia treino e trabalho?
- 9) De quantas Surdolimpíadas participou?
- 11) Qual a sensação de representar o Brasil e a comunidade surda brasileira nas Surdolimpíadas?
- 12) Você ganhou alguma medalha nas Surdolimpíadas?
- 13) Qual a importância das Surdolimpíadas e do esporte para a comunidade surda?

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

APÊNDICE X – Termo de consentimento para atletas surdos e dirigentes brasileiros participantes da Surdolimpiadas.



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidá-lo(a) para participar da pesquisa de doutorado intitulada **“Deaflympics (Surdolimpiadas): Rastros de histórias e memórias dos esportes surdos no Brasil (1993-2017)”** por você ter experiências relativas aos esportes surdos no Brasil e as Surdolimpiadas, podendo contribuir para o desenvolvimento do estudo a partir de seus relatos acerca do tema.

A pesquisa busca compreender como se conformou a prática dos esportes surdos e a participação brasileira nas Surdolimpiadas no período de 1993 até 2017. Se você concordar em participar deste estudo, responderá a uma entrevista com perguntas sobre o tema. Seus relatos são muito importantes para que possamos reconstruir e preservar as histórias e memórias dos esportes surdos no Brasil e participação brasileira nas Surdolimpiadas. Para tanto, requeremos seu consentimento para responder a entrevista. Esta poderá ser gravada em áudio e/ou vídeo através de aparelhos digitais, tais como câmera filmadora e gravador de voz.

Solicitamos autorização para utilizarmos suas falas e imagens, captadas durante a filmagem da entrevista, além de eventuais fotografias, para a produção e publicação de materiais acadêmico-científicos (artigos, livros, etc.), produção de projetos áudio visuais (vídeo clips, documentários, etc.) e/ou projetos culturais (exposições, oficinas, etc.) sobre os assuntos investigados. Caso seja do seu interesse, enviaremos uma cópia da entrevista em áudio e/ou vídeo para uso pessoal.

Esclarecemos que as informações, oriundas de seus relatos, serão utilizadas sem fins comerciais. Com a sua permissão, as informações geradas a partir de seu depoimento poderão ser disponibilizadas (formas escrita e/ou visual) em mídias digitais e sociais do Núcleo de Estudos em História do Esporte

e da Educação Física (NEHME), da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e do Observatório do Esporte Paralímpico, sendo de livre acesso e tendo a finalidade de preservar e divulgar as histórias e memórias dos esportes surdos no Brasil e da participação brasileira nas Surdolimpíadas.

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo você recusar-se a participar ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda, que você não terá custos financeiros e nem será remunerado(a) por sua participação. Os benefícios desta pesquisa incluem o reconhecimento, a visibilidade e a conservação de suas histórias e memórias acerca dos esporte surdo brasileiro e de sua participação nas Surdolimpíadas, bem como a afirmação do direito à prática esportiva e o reconhecimento da cultura e identidade surda no Brasil.

Adotaremos os cuidados necessários para evitar qualquer tipo de risco e constrangimento relativos à pesquisa. Porém, entendemos que a realização de entrevistas implicam na possibilidade de desconfortos, pois as perguntas levam os participantes a revisitarem suas memórias. Para reduzir esses possíveis desconfortos, as perguntas serão apresentadas aos participantes antecipadamente e as entrevistas serão realizadas de forma individual, em local e horário previamente agendado. Além disso, o conteúdo das entrevistas não será compartilhado coletivamente com os demais participantes do estudo, sendo que, ao final da realização das entrevistas, cada um terá acesso individualmente à transcrição/descrição de seus depoimentos e, se desejar, poderá alterar seu conteúdo. Acrescentamos, ainda, que, se você assim desejar, a sua identidade será preservada na divulgação dos resultados da pesquisa, sendo a sua participação identificada por meio de nome fictício ou número.

A entrevista será conduzida pelo estudante de doutorado Marco Aurélio Di Franco e pela interprete de LIBRAS –Denize C. Bocherntsan, sob orientação da Professora Doutora Janice Zarpellon Mazo. Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos, poderá contatar, a qualquer momento, a pesquisadora responsável pela pesquisa, Professora Janice Zarpellon Mazo, no endereço profissional à Rua Felizardo, nº 750, Bairro Jardim Botânico, Porto Alegre – RS, CEP 90690-200, ou pelo telefone (51)33883031, ou no endereço eletrônico janice.mazo@ufrgs.br, ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da



Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pelo telefone (51) 3308-3738 ou por e-mail: etica@propeq.ufrgs.br.

O presente termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue ao(à) senhor(a).

Pato Branco / PR, 11 de Setembro de 2019.

Eu, HERON RODRIGUES DA SILVA, tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos, concordo em responder a entrevista e participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

Assinatura: 

Data: 11/07/2019

Eu, HERON RODRIGUES DA SILVA, tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima. Assim, permito a identificação de meu nome, o uso do áudio e vídeo, e imagem, captados durante a entrevista para os fins descritos no presente termo. Declaro que recebi cópia deste documento.

Assinatura: 

Data: 11/07/2019

Em caso de algum tipo de restrição com relação ao uso do áudio e vídeo captados durante a entrevista, favor utilizar o campo abaixo para maiores esclarecimentos.

Alegre – RS, CEP 90690-200, ou pelo telefone (51)33883031, ou no endereço eletrônico janice.mazo@ufrgs.br, ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pelo telefone (51) 3308- 3738 ou por e-mail: etica@propesq.ufrgs.br.

O presente termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue ao(à) senhor(a).

_____, ____ de _____ de 201 ____.

Eu, Alexandre Soares Fernandes, tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos, concordo em responder a entrevista e participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

Assinatura: Alexandre Soares Fe.
Data: 05/07/2019

Eu, Alexandre Soares Fernandes, tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima. Assim, permito a identificação de meu nome, o uso do áudio e vídeo, e imagem, captados durante a entrevista para os fins descritos no presente termo. Declaro que recebi cópia deste documento.

Assinatura: Alexandre Soares Fe.
Data: 05/07/2019

Em caso de algum tipo de restrição com relação ao uso do áudio e vídeo captados durante a entrevista, favor utilizar o campo abaixo para maiores esclarecimentos.
